

# ILUSTRAÇÃO



3.º ANO  
NÚMERO 65

Lisboa. 1 de Setembro de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO  
4500

# Urotropina efervescente

Schering



## DE SABOR EXCELENTE DE INEXCEDIVEL EFICÁCIA

A Urotropina efervescente Schering é manipulada sob a base da Urotropina original Schering, que tem sido comprovada por uma experiência clínica de 30 anos como um medicamento preventivo e curativo o mais poderoso contra as doenças infecciosas, especialmente das vias urinárias, biliares e intestinais. A Urotropina efervescente Schering é uma bebida extremamente agradável e um medicamento sob todos os pontos eficaz.



### Férias em família.

V. Ex.<sup>a</sup> escolheu para as vossas férias as sãs alegrias da vida de família no calmo ambiente da vossa casa de campo! Oh! Que deliciosas horas vos esperam! O mais discreto recanto do vosso jardim valerá o mais grandioso panorama

*A visita dos amigos.      A partida de tennis.*  
*A colheita dos frutos.    A festa de aldeia.*  
*O almoço no jardim.      A volta da pesca.*

## Quantos assuntos ! Quantas fotos ! “Kodak”

Todas estas simpáticas fotografias, daqueles que vos são queridos, dos vossos amigos, do vosso lar, do vosso jardim, gravar-se-hão para sempre nas páginas do vosso Album “Kodak”.

Ali ninguém envelhecerá, as folhas conservar-se-hão permanentemente nas arvores, sentir-vos-heis felizes de encontrar-des sempre que quizerdes, aqueles assuntos, aquelas faces, aqueles panoramas que vos são familiares! E com que satisfação os apresentareis aos olhos deslumbrados dos vossos amigos.

***As férias passam :  
 ficam as vossas fotos “Kodak”.***

Nas boas casas de artigos fotográficos encontrareis sempre um completo sortido de “Kodaks” para todas as algibeiras, em tamanho e preço.

**Exija Pelicula “Kodak”.**

Evitareis muitas decepções não confiando as vossas belas e tão preciosas recordações, senão á Pelicula “Kodak” — em embalagem amarela — a unica com que podereis sempre contar.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

# CIMENTO ARMADO

## 2.ª EDIÇÃO

POR JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO, Engenheiro, I. I. C. L.

ÚNICO LIVRO COMPLETO PUBLICADO EM PORTUGUÊS  
SOBRE ÊSTE MODERNO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

A 2.ª edição recentemente publicada foi cuidadosamente revista, refundida parcialmente nos cálculos das vigas e lages e bastante aumentada

ASSUNTOS DE QUE TRATA ESTA OBRA:

PROPRIEDADES GERAIS. MATERIAIS USADOS: O METAL, O BETOM. RESISTÊNCIA DOS MATERIAIS. CÁLCULOS DO CIMENTO ARMADO. PILARES, VIGAS E LAGES. APLICAÇÕES: ALICERCES, PILARES, PAREDES E TABIQUES. MUROS DE SUPORTE. SOBRADOS, LAGES E VIGAS.

COBERTURAS E TERRAÇOS. ESCADAS. ENCANAMENTOS. RESERVATÓRIOS E SILOS. CHAMINÉS. POSTES. ABÓBADAS E ARCOS. CASAS MOLDAÇAS. OUTRAS APLICAÇÕES. FÓRMAS E MOLDES. ASSENTAMENTO DAS ARMADURAS. EXECUÇÃO DO BETOM. BETONEIRAS E OUTRAS MÁQUINAS. ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE BETOM ARMADO. REGULAMENTOS, ETC.

1 volume de cerca de 700 paginas, encadernado em percalina **20\$00**

Pedidos às *LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND*

Rua Garrett, 73 — LISBOA



*O mais belo repositório de conhecimentos científicos, a mais empolgante serie de aventuras maravilhosas é a obra do genial romancista*

## JULIO VERNE

*primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos*

SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR

PEDIDOS ÀS *LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND*

73, CHIADO, 75 — LISBOA



### 50 % REDUÇÃO NOS JUNKER'S

Ida para Madrid . . . . .	Esc. 375.000
Ida e volta . . . . .	Esc. 650.000
Carga por quilo . . . . .	Esc. 6.000

**Serviços Aereos Portugueses, Ltd.**

Avenida da Liberdade, 3

**TODAS  
AS  
GRAVURAS**

**DA ILUSTRAÇÃO**

**SÃO  
FEITAS**

**NA  
CASA**

**BERTRAND IRMÃOS  
L<sup>DA</sup>**

**TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA**

TEL.T.96

**NAO COMPREM COISA ALGUMA PARA O  
INVERNO SEM VISITAREM O MARAVILHOSO**

**I.º SALÃO DO OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA  
E ARTES DECORATIVAS** promovido pela grande revista feminina

**“VOGA”** sob o patrocínio da Sociedade Nacional de Belas Artes e nos seus magníficos Salões.

**20 DIAS** de festas constantes de luxo e elegancia e em que os artigos da especialidade são expostos pelas casas mais categorizadas de Portugal, Espanha e França. — *Reservem-se portanto, para ali fazerem as suas compras para a estação de inverno, no que respeita a*

**TOILETTES** — Os mais suntuosos e chics modelos. **CHAPÉUS DE SENHORA** — As últimas criações de Paris.

**PELES DAS MAIS FINAS E RICAS** — Confeccionadas especialmente para este Salão.

**CALÇADO DE SENHORA** — Os mais belos modelos das melhores Sapatarias Nacionais.

**MALINHAS DE SENHORA** — As mais belas, verdadeiras revelações de Arte.

**JOALHARIA E OURIVESARIA** — Preciosos documentos da Arte Nacional.

**AUTOMÓVEIS** — Os mais confortáveis Modelos de

1929 com os mais modernos aperfeiçoamentos mecânicos, encomendados especialmente para este Salão.

**PIANOS E AUTO-PIANOS** — Verdadeiras maravilhas.

**GRAMOFONES** — A última palavra em sonoridade e nitidez.

**PERFUMARIAS E ARTIGOS DE BELEZA** — Das mais afamadas casas Nacionais e Estrangeiras, que apresentarão as últimas criações no género.

**FRIVOLIDADES DE PARIS** — Imitação de Jóias, Aplicações, etc., etc.

**Que agradável será fazer as vossas compras num ambiente de festa  
e num meio da mais alta ELEGANCIA**

**AO COMERCIO**

Marcar um Stand, apresentar a vossa casa no 1.º SALÃO DE OUTONO, é marcar um lugar de Elite entre os vossos concorrentes; a cifra dos vossos negócios aumentará sensivelmente na próxima estação. Poucos Stands restam para marcar.

Tôdas as informações serão dadas, pelo Director deste Salão, todos os dias na rua Anchieta, 25, das 15 às 18 horas — Telefone C. 1084.

AS PRIMEIRAS CASAS A MARCAR O SEU STAND FORAM:

**ALLINE** primorosos perfumes.

**PHOTO D'ART** — HENRI MANUEL, STUDIO G. L. MANUEL FRÈRES, FASHION-PHOTOS, maravilhosos artistas, todos de Paris.

**COLUMBIA**, gramofones, que apresentarão prodígios no género.

**CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD.**, cujos papéis pintados e arranjos decorativos causarão entusiasmo.

**BASTOS SILVA, LTD.** e **PARIS-CHIADO**, os mais afamados criadores de malas de senhora e novidades.

**SASSETTI & C.**, célebre casa de auto-pianos e pianos.

**WILLYS KNIGHT**, os mais belos e os de mais nome entre os automóveis de luxo.

**MÁRIO DE NOVAIS**, de Lisboa, fotos de arte de senhoras e crianças.

**HIS MASTER'S VOICE**, grandes fabricantes, afamadíssimos, de gramofones e discos, com representante no Porto.

**SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO “ELITE”**, com estabelecimentos em Lis-

boa e Porto, criadora de modelos formosíssimos de calçado.

**“TATA”**, um nome que é uma aureola de glória na criação artística de chapéus, negociantes-artistas que tornaram o seu estabelecimento da rua de S. Nicolau — Lisboa, numa deliciosa “boite” modernista.

**“NALLY”**, uma grande marca de essências e perfumes, com fama e justa celebridade.

**GRANDES NOVIDADES PARISIENSES** —

Entre os artigos de luxo que concorrerão a este certamen, vindos da cidade Luz, podemos desde já anunciar três novidades inteiramente sensacionais. Um **VIBRADOR-MASSAGISTA**, verdadeiramente maravilhoso e cujo segredo só no Salão se desvendará, um novo e colossal invento de **TINTURA INDELEVELO DOS CABELOS**, que também se conserva secreto e uma instalação de **TINTURARIA CASEIRA DE TECIDOS RICOS**, com demonstrações práticas permanentes.

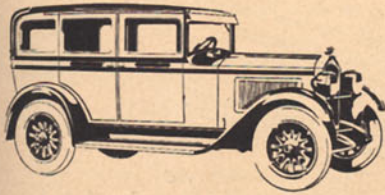
Estão a fechar contractos casas de fama mundial de Paris e Madrid e outras de primeira classe de Lisboa e Porto.

# WILLYS KNIGHT



O MELHOR MOTOR  
AS MAIS DISTINTAS CARROSSERIES

DISTRIBUIDORES GERAIS: H. QUEIROZ, L.<sup>DA</sup>



*Engenheiros*  
Rua Braamcamp,  
**62, 70**  
LISBOA



## "His Master's Voice"

## OS MELHORES GRAMOFONES



OS UNICOS DISCOS EM QUE SE ENCONTRAM  
AS VOZES DAS CELEBRIDADES ARTISTICAS  
DE TODO O MUNDO

AGENCIA GERAL:

GRANDE BAZAR DO PORTO, L.<sup>DA</sup>

150, Rua Augusta  
LISBOA

192, Rua de St.<sup>a</sup> Catarina,  
PORTO



**LUZ E ARRANQUE  
BOSCH**

Os elementos que constituem o Equipamento da Luz são construídos com rigorosos cuidados, garantindo um funcionamento isento de cuidados.



REPRESENTANTE:

*Escritório Técnico Roberto Cudell*  
PORTO—Passos-Manoel, 41

bôa digestão.  
sonno reparador.

*Até Carlos Wilkhardt*

**"SAL de FRUCTA"**

**ENO**

**"FRUIT SALT"**

Dorme-se mal porque o nosso somno é perturbado pelas más digestões. Eno's "Fruit Salt" tomado com regularidade (uma colher das de café, num copo de agua, de manhã e a noite) ajudará a obter digestões bem feitas e, consequentemente, um somno reparador. Durante cerca de 60 anos Eno's "Fruit Salt" tem sido reputado, em todo o mundo, como o mais suave e infalível auxiliar das funções digestivas. Todos podem, portanto, ter confiança nele.

*As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registada.*

Existe sempre a marca ENO'S "FRUIT SALT"

Depositaros em Portugal:  
ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

**ALMANACH BERTRAND**

**30.º ANO - 1929**

**ÚNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL**

**A MAIS ANTIGA E DE MAIOR TIRAGEM DE TÔDAS AS PUBLICAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA**

RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

*Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos*

Um grosso volume de 400 páginas cartonado ..... **10\$00**  
Encadernado luxuosamente ..... **18\$00**

**À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS**

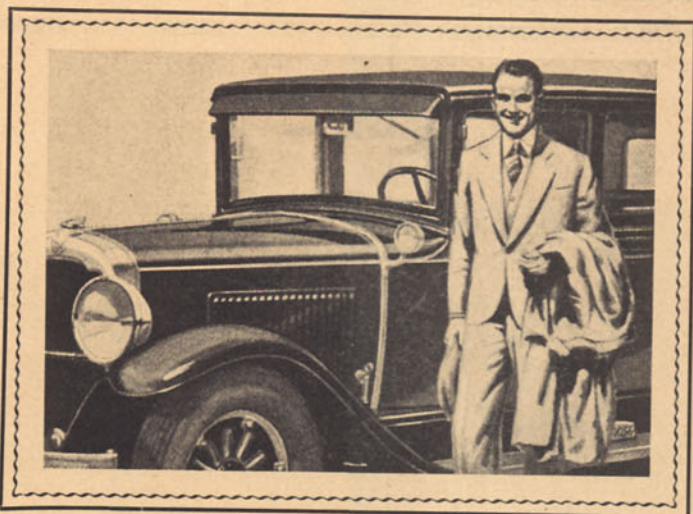
PEDIDOS AOS EDITORES: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA



# O REO FLYING CLOUD

**NÃO É** um carro de corrida

MAS É BASTANTE RÁPIDO PARA  
PETE DE PAOLO  
o grande Az americano de velocidade



«PETE DE PAOLO» COM O SEU REO FLYING CLOUD

O REO FLYING CLOUD é construído para dar 140 quilómetros á hora. É mais do que geralmente se necessita, e do que se pode fazer em estrada. Contudo uma tal capacidade implica outras características que o condutor ambiciona: a aceleração instantanea para se distanciar dos outros carros nas aglomerações do tráfico e ultrapassa-os numa aberta; enfim um excesso de potencia para as grandes subidas, e a facilidade de poder andar em prise directa a 5 ou a 140 quilómetros á hora.

AGENTES GERAIS: CONTRERAS & GARRIDO, L.<sup>DA</sup> — 169, Avenida da Liberdade, 171 — LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO: EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA L.<sup>DA</sup>  
225 — RUA 31 DE JANEIRO — 229

**NYTHIS**  
v. Parfume de  
GELLÉ FRÈRES  
PARIS



ESSENCIA  
PÓ DE ARROZ  
LOÇÃO  
AGUA DE COLONIA  
SABONETE

Se vende em todas as boas lojas  
Agentes gerais: STETTEN & CIA, Rua da Misericórdia 271, LISBOA

**Grup-fix** A  
COLA  
IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ  
Não se entorna, colando imedia-  
tamente após a sua aplicação

Preço 12\$00

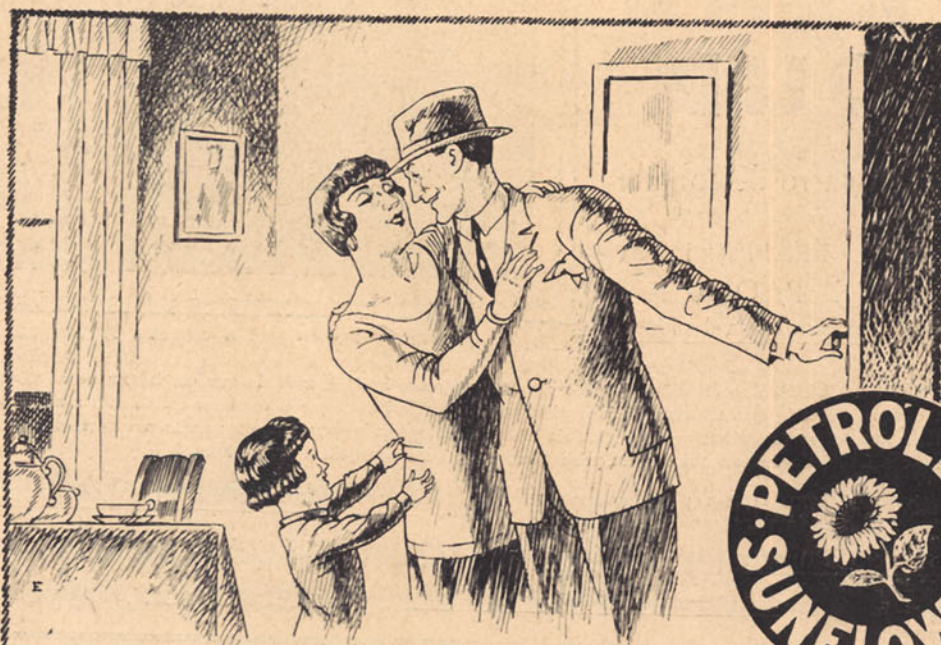
Únicos representantes para Portugal e Colónias

**AILLAUD, LIMITADA**  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

**MAGAZINE  
BERTRAND**

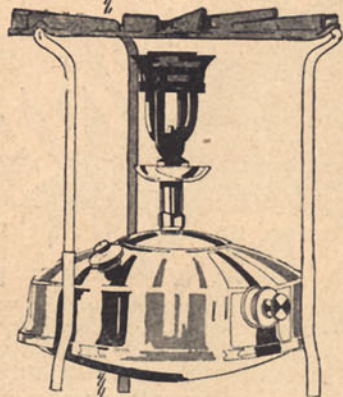
CONTINUA A MANTER  
A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE SETEMBRO



## Uma despedida

que pode ser feita devagar e com boa disposição, todas as manhãs, quando a zelosa e inteligente dona de casa, que sabe que os homens não gostam de esperar pelas refeições, adquiriu um Fogão VACUUM que faz um almoço em 10 minutos.



# FOGÃO VACUUM

## Vacuum Oil Company

Rocio, 67 - Tel. N. 3075, e nas suas agencias

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA  
DA «ILUSTRAÇÃO»  
R. d'Alegria, 30 — Lisboa  
REDAÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Provisão)  
Telef. N. 873

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :  
JOÃO DA CUNHA DE BÇA

DIRECTOR :  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :  
AILLAUD, L.ª  
R. Garrett, 73, 75 — Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Anchieta, 25  
Telef. C. 1084

ANO 3.º — NÚMERO 65

1 DE SETEMBRO DE 1928



1 — Na comemoração da Batalha de Aljubarrota. — O reverendo bispo de Leiria, D. José Alves Corrêa, à saída da histórica capelinha de Santo António, lança a bênção às criancinhas. 2 — Visita do ilustre jornalista espanhol D. Alonso Hernandez, redactor de *La Nación* às oficinas da *Ilustração*. — O nosso ilustre visitante (à direita) com o director da *Ilustração*. 3 — A urna contendo os restos mortais do nosso saudoso ministro em Berlim, dr. Patulha de Freitas, repousando, pela primeira vez em solo pátrio; a cobertura do relicário «Vozes». 4 — Nas festas de Aljubarrota. O povo durante a missa celebrada na histórica capela de S. Jorge. 5 — Visita do ilustre jornalista espanhol D. Alonso Hernandez à Sociedade Nacional de Belas Artes. O talentoso escritor com o distinto escultor António da Costa (à direita) director daquela colectividade



# CRONICA DA QUINZENA

Agosto, mês de férias, sazão de vilegiatura. Vem de tempos imemoriais a necessidade reconhecida de cortar o curso da actividade humana, não, apenas, pelo simples descanso hebdomadário, mas, ainda, por períodos mais ou menos longos, conforme a época do ano. Há um certo tempo, porém, cerca de cinqüenta anos, talvez, esta necessidade tem-se tornado verdadeiramente imperiosa.

É o desenvolvimento do industrialismo, a atracção exercida pelas cidades, o exodo rural, a concentração urbana, e todos os males que daí resultam: por seu lado, as cidades sobrepovoadas, a penúria de habitações, a aglomeração das famílias a promiscuidade, a atmosfera viciada das oficinas, das repartições públicas, dos grandes armazéns, as poeiras.

Por outro lado, as incitações grosseiras dos sentidos, a apctência excessiva dos gozos vulgares, a sôbre-excitação da fatuidade, da inveja, das competições de toda a sorte, as dificuldades da vida, os desaframentos la ambição, etc.

Por cima de tudo, envolvendo tudo, uma existência agitada, inquieta, trepidante, buzinaadora e empoeirante, sem um momento de sossego, nem mesmo durante o sono. Pior ainda; porque, então, ausente o juízo crítico, e não podendo a atenção distrair-se para outros objectos, todos estes ruídos produzidos na calada relativa da noite e da madrugada, pelos carros eléctricos «a nove», os combóios que buzinaem ou silvam, os camiões que trovejam, os automóveis atirados por essas ruas como projecteis, assumem proporções fantásticas, diabólicas, terrificantes; e acorda-se, tendo dormido, mas, não, descansado. O sono não é reparador.

Isto, durante dias e dias seguidos, acaba por depauperar, fatigar, derrancar o sangue e os nervos. Por isso, ao chegarem as datas regulamentares, as férias são sempre bem vindas. Hoje, pode dizer-se que quem regula as suas épocas e a sua duração, são os trabalhos escolares. Por virtude dêles, também, elas tendem sempre a alongar-se mais, ainda, nos costumes do que nos regulamentos. A seguir ao primeiro período de trabalho escolar intenso, vem as férias do Natal e Ano Bom; depois, na Primavera, as férias da Páscoa; e, por último, terminado o ano escolar, as férias grandes.

Infelizmente, poucas são as pessoas que sabem tirar proveito das férias. A parte os casos da determinação médica bem expressa, as famílias, na escolha de uma estância para vilegiatura, regem-se mais pelos ditames da

moda do que pelos preceitos da hygiene. Em geral, dirigem-se para as praias mais frequentadas, passam o dia nos casinos, teatros, cinemas e cafés, quando deviam fazer uma vida inteiramente ao ar livre, e perdem as noites em jogatinas e dançaradas, insalubres sob todos os pontos de vista. Assim, o proveito que a maior parte das pessoas tiram das suas vilegiaturas resulta quasi nulo, não falando já dos descuidos na hygiene da alimentação, no uso da água não fervida, etc.

Em primeiro lugar, a praia não convém a toda a gente; está mesmo absolutamente contra-indicada às criancinhas nervosas, e mesmo a muitos adultos sujeitos a certas doenças da pele ou dos olhos, a certas formas de reumatismo, etc. A muitos que passam as férias nas praias, conviria mais a montanha ou a floresta. É certo que não somos muito ricos em matas, e que as nossas mais altas montanhas fazem figura de pigmeus ao pé de um Monte Branco, mas, também é verdade que o pouco que temos podia, e devia ser, muito mais bem utilizado.

Demais, temos, á farta, o campo que convém a toda a gente, particularmente aos nervosos e aos esfalfados.

A verdade, porém, é que a maior parte das pessoas em Portugal preferem as praias ao campo, á mata e á serra, não só porque é moda, mas ainda porque não sabem apreciar a natureza; e não a sabem apreciar, porque a não sabem observar.

Em França foi necessária a acção perseverante de sociedades como o Club Alpino e o Touring Club da França, para ensinar aos francezes o turismo higienico, e, ao mesmo tempo, instructivo, reparador de forças e equilibrador dos nervos. As «caravanas escolares» do Club Alpino, (fundado em 1875), pouco a pouco tem feito ver que, se o «foot-ball» e outros desportos atléticos não deixam de ter suas vantagens, elles não valem o excursionismo no vale e na montanha, pelo rio e á beira-mar.

O problema, todavia, é mais complexo: á medida que a vida urbana se complica, e cada vez se torna mais anti-higienica, as férias tendem a alongar-se, mas ellas não podem alongar-se indefinidamente. Qual o remedio, pois?

A solução simplista que consistiria em

fazer regressar aos campos os que de lá saíram, é inexequivel, e seria prejudicial. Estes individuos desaptados, regressados ás suas terras só serviriam para perturbar. Pensou-se, por isso, em vários países da Europa, em fazer refluir para a periferia das cidades parte da população que para ali tinha affluído. Porque meio? Edificando nos arredores aquilo a que se tem chamado as «cidades-jardins».

São grupos de pequenas casas, vinte a trinta por hectare, construídas em torno de um grande espaço central, onde ficam os serviços comuns (mercado, etc.), tendo cada uma um jardim á frente (às vezes, também pela parte de traz) e compreendendo, ás mais pequenas, uma sala comum, (*living-room*) servindo de casa de jantar, uma cosinha, casa de banho, uma dispensa, retrete, e dois quartos de dormir. Um outro tipo comporta três quartos de dormir. Há-as ainda que possuem uma casa de banho separada, e uma sala de visitas.

Estas cidades-jardins resultaram do esforço conjugado das municipalidades e de sociedades particulares, e foram então sujeitas a planos minuciosamente estudados, de modo a aliar o mínimo de despesa na construção ao máximo de hygiene e conforto, assim como a poderem ser alugadas por preços compatíveis com os recursos modestos. Não se destinam exclusivamente a operários, são éstes, contudo, que mais se tem aproveitado delas.

A Inglaterra é talvez o país que mais adequadamente tem realizado as suas construções neste genero. Demais, era uma coisa que já estava nas suas tradições, pelo que respeita á classe burguesa: trabalhar na cidade, mas viver no campo.

Assim, pois, enquanto as sociedades europeias se não decidirem a «simplificar» a vida, obedecendo aos apêlos da hygiene moderna, o remedio a aplicar, para atenuar os males da urbanização á *outrance* é o que se poderia chamar a «periferização» das cidades sobrepovoadas, o refluxo gradual da população dos bairros mais aglomerados para a periferia.

É necessário derrubar os casêbres homiécidas, rasgar lagamente os bairros de Alfama, Mouraria e quejandos, fazer entrar o ar e a luz pelas casas que ficarem; mas, antes, construam-se em torno de Lisboa, algumas destas cidades-jardins que, juntamente com outras medidas, permitam lutar eficazmente contra a degenerescencia progressiva da população.

JOSÉ MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

# POR CÁ E LÁ POR FORA



O grande Jornal francês *Le Petit Parisien* organizou um grande *raid* aéreo trans-africano Paris-Cabo que levou a efeito com a cooperação da «Paromont» que filmou toda a arrojada viagem.

As três fotografias que publicamos, gentilmente cedidas pelo nosso colega *Jornal de Benguela*, representam a chegada do aparelho àquela cidade de Angola, os dois aviadores e o aparelho antes da partida para o Cabo.



A ESQUERDA: — Aspecto da assistência elegante a uma deliciosa festa aristocrática realizada no aprazível e formosíssimo parque Campainhas



A DIREITA: — O pintor Mário Ellé, curiosíssimo o artista português de tendências vanguardistas, que acaba de regressar da Alemanha onde a sua personalidade se orientou por novas sendas artísticas e intelectuais



Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente da República, acompanhado dos srs. presidente do Ministério, ministro do Comércio, presidente da Câmara Municipal e outras individualidades marcantes, inaugurou a nova estação do Cais do Sodré, grande melhoramento cidadão que se deve à prestimosa companhia «Estoril»

A DIREITA: — Monsenhor Beda Cardinale, novo Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, fez a sua visita protocolar a S. Em.<sup>a</sup> o sr. Cardinal Patriarca. Na nossa foto vê-se o eminente enviado de Roma junto do Reverendo Patriarca, figura nobilíssima de português e venerando ancião de preclaras virtudes



**As essências e perfumes da grande marca NALLY, serão um dos mais legítimos sucessos do Salão da "Voga"**



A ESQUERDA: Um aspecto do funeral do eminente português e illustre professor D. Luis de Castro, Conde de Nova Gôa. — O feretro salindo da Estação do Rossio

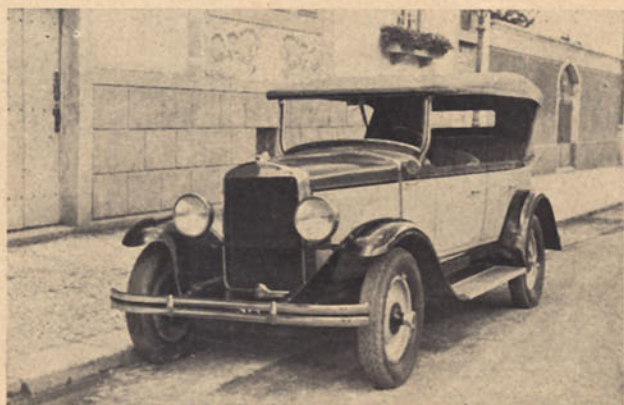
(Foto Ilustrações)

EM BAIXO, à esquerda: — Aspecto da soberba festa realizada no Hotel Avelemas, d. 25 de Pebras — Saladas, e a que assistiu a fina flor da sociedade elegante all' veraneando

(Foto Silva Peretra)



Durante a trienal «tournée» Lucília Simões-Erico Brazo, no Ita «I», os intelectuais de S. Paulo ofereceram um chá aos ilustres artistas. Na foto vêem-se, com os homenageados, a grande adivinha Noémia Nascimento Gama (A), a poetisa Maria Emilia Fontes, o escritor Artur Cerqueira Mendes, o grande escultor Pinto do Couto, o ilustre jornalista dr. Plínio Cavalcanti, D. José Paulo da Câmara, os poetas Menotti del Picchia, H. Fontes, Clótemenes Campos e outras figuras de destaque



A DIREITA: — Um lindo «Graham-Paige». Dizem de Nova York que causou sensação a notícia de que a fábrica Graham-Paige fabricara de Janeiro a 29 de Julho deste ano a cifra de 11.000 carros. Em menos de sete meses duplicou a produção total 1927. Isto se deve à grande voga dos magníficos automóveis, criação dos três irmãos Graham, que são os celeberrimos construtores

(Foto Ilustrações)



NO OVAL, de cima: — A sr.ª D. Fernanda Faleto da Silva Ribeiro e o sr. Vasco da Gama de Almeida Leitão, que se consorciaram no passado dia 15. Após o casamento os noivos são fotografados com S. Ex.ª Rev.ª o Bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias, que lhes lançou a bênção de Sua Santidade

NO MEDALHÃO, à esquerda: — Aspecto da assistência à magnífica audição do Electrofone Columbia Kolster Viva Tomal, realizada no aristocrático Tivoli e promovida pelos representantes da «Columbia»

A ESQUERDA: — Aspecto da assistência à magnífica audição do Electrofone Columbia Kolster Viva Tomal, realizada no aristocrático Tivoli e promovida pelos representantes da «Columbia»



TATA, «chapeliers en vogue», rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da «Voga»

# ECOS E FACTOS

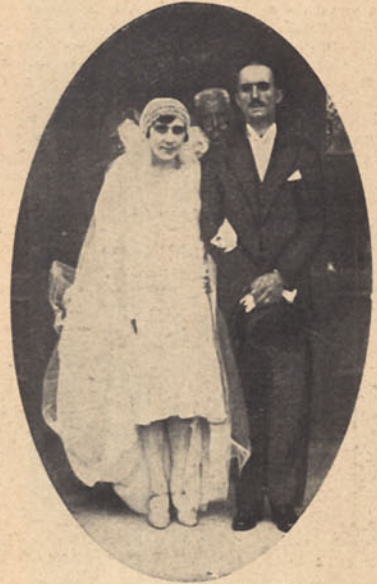


A ESQUERDA:—O novo stand da firma Queirós L.<sup>da</sup>, na rua Brancana, onde estas conceituadas comerciantes expõem os magníficos automóveis «Willys-Knights», de que são representantes gerais e que serão os triunfadores da época automobilista.



NO OVAL, em cima:—Concurso hípico de Braga, em favor dos Bombeiros Voluntários.—Um magnífico salto do «Easten», na dupla-sela, montado por Eduardo Veloso NO MEDALHÃO:—A «Ondina», do capitão Falco Pereira, saltando a triplice vara (Clichés F. Fiana).

NO OVAL, em baixo:—Na baía da Horta (Faial)—Dois hidro-aviões que tentam a travessia Atlântica. A esquerda o «Cubi» de Courtney e à direita o «La Frégate» da aviação múltipla francesa.

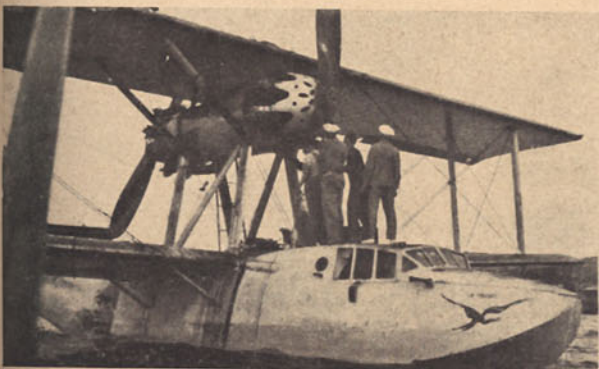


O casamento da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Judite Rosa Cabeçadas, com o sr. António da Cunha Torres Fernandes, que se realizou na Igreja de Santa Isabel.

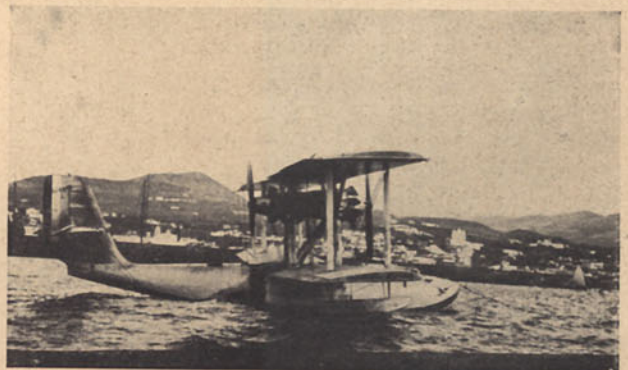


No Gerez.—Trecho do salão do Casino Moderno, na noite do «Jantar à Americana», dedicado aos aquistas pela Empresa Hotelcira, festa que deixou as mais gratas recordações a todos que a ela assistiram.

(Foto Gonzalez)



Na Horta.—Após a chegada do «La Frégate»; passando revista no motor, cujo mau funcionamento impediu a viagem transatlântica.



A chegada do «La Frégate», às 5 e meia da manhã. O aparelho demandando a doca. (Fotos cedidas gentilmente por D. Maria Alice Ribeiro Meneses—Falai).

**A CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD.<sup>a</sup>, do Largo de S. Julião, terá no Salão da «Voga» um «stand» de decorações e papeis pintados**

# PELO NORTE

1—O alto-relevo «Phryné ante o tribunal», prova de curso de escultura do aluno da Escola de Belas Artes do Porto Macário Rocha Denis, a quem o Juri atribuiu 10 valores conservando o trabalho no museu da Escola. — No medalhão: O escultor Macário Rocha Denis. 2—O sr. ministro do Comércio com o sr. governador civil do Porto e director da Escola Infante D. Henrique por ocasião da visita que fez ao novo edifício desta escola. 3—Nas Caldas das Taipas.—Senhoras e cavalheiros que tomaram parte nas festas realizadas naquela estância em favor da Casa dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. 4—Uma leitora de «bena-dicha» nas Caldas das Taipas. 5—Senhoras que angariaram donativos na festa da Flor em benefício da Cruz Vermelha de Gávia. 6—Na Serra do Pilar.—Aspecto da missa campal em sufrágio dos mortos da Grande Guerra.



(Fotos Alvaro Martins)



7—Peregrinação no Monte da Virgem em Oliveira do Douro (Gávia).—Os fiéis assistindo à missa campal. 8—Tiro nos pombos em Caldas das Taipas.—Um atirador desfechando. Ao lado (x) o velho caçador e exímio atirador Baptista de Sá

Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros



# FIGURAS DO MOMENTO



REUNIÃO DO CURSO JURÍDICO 1908-9

Realizada ultimamente em Coimbra, esta reunião congregou, em saudável convivio, muitas figuras eminentes nos nossos meios social, artístico e político que pertenciam àquele curso universitário

## OS SIGNATARIOS DO PACTO KELLOGG



AUSTEN CHAMBERLAIN

O delegado inglês que... não assinou pessoalmente por doença súbita



HYMANS

Ministro da Bélgica, que assinou pelo seu simpático país o pacto Kellogg



PHILIPPE BERTHELOT

Técnico assistente de Briand na assinatura do pacto de paz perpétua



CONDE LANZONI

Diplomata ilustre designado pela Itália de Mussolini para a assinatura do pacto



ZALIWSKY

Ministro da Polónia e delegado do seu país para a assinatura do célebre pacto



BINES

Ministro dos Negócios Estrangeiros tcheco-slovaco que assinou o pacto de «não-agressão»



KELLOGG

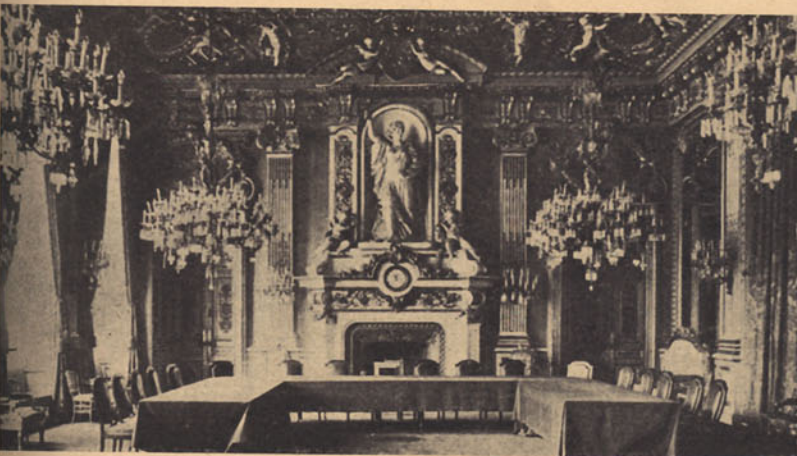
O célebre político americano, autor do «pacto de não-agressão» que fica na história com o seu nome e que o assinou em Paris por parte dos Estados Unidos da América do Norte

(Foto H. Manuel)



MGR. BÊDA CARDINALE

O novo Núncio de Sua Santidade em Lisboa fotografado à sua chegada à estação do Rossio



O SALÃO DO RELÓGIO

Formosa sala do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Paris, onde foi assinado, com toda a solenidade, o célebre e discutido pacto de Kellogg que coloca a guerra «fora da lei»

(Fotos H. Manuel)



MR. COSGRAVE

O senhor Cosgrave, presidente do Novo Estado Livre da Irlanda delegado que, por parte do seu governo, assinou em Paris o célebre pacto de Kellogg

(Foto H. Manuel)

Parece-nos bem que Albino Forjaz de Sampaio se resolven de vez a arremessar às urtigas o seu pessimismo e o seu cinismo antigos, da hora em que rompeu nas letras, péssimismo e cinismo esses que lhe adquirira, aos sombrios mestres tudescos Schopenhauer e Nietzsche. Quere isto dizer que o Albino Forjaz de Sampaio diz e rebelde que vimos algumas vezes, embaçado, como Satanás, no roçagante manto vermelho de que foram talhadas as berrantes ca-

# LIVROS E ESCRITORES

res que Lanson duma banda e Joseph Bédier e Paul Hazard da outra estão publicando sobre a literatura francesa.

Cumpra agora dizer algo sobre o texto deste tomo, que depois das imprescindíveis palavras preambulares do organisador da obra, arquivamos valiosíssimos estudos devidos às penas prestigiosas de Henrique Lopes de Mendonça e do dr. J. Leite de Vasconcelos. Chamou aquelle a seu cargo a *Introdução*, na qual, com uma singular riqueza de conceitos críticos e um poder de síntese de véras notável, acentua o alto significado que as literaturas têm na vida dos povos, de cuja alma são, por assim dizer, os espelhos fiéis. Os tópicos desse estudo são os seguintes, e por eles se avaliará bem o perfeito critério que dirigiu a sua escrita: *A linguagem e a literatura; Influência recíproca da literatura e do meio social; História da literatura. Sua importância. Paralelismo com a história política. Exemplos; A literatura e o gosto público; A literatura e a língua nacional.* Os outros dois estudos que a este se seguem, o segundo dos quais prolonga a sua matéria para o tomo próximo, escrevem-os a ambos o dr. José Leite de Vasconcelos, dando-nos neles duas primorosas lições sobre *A Terra e o Povo* e *A Língua*, estudos que constituem como que os alicerces dos muitos mais que sucessivamente irão aparecendo, na vasta obra, todos eles subscritos por incontroversas autoridades nos respectivos assuntos.

Este tomo da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada* já nos convence, pois, de que ela virá a constituir uma das mais majestosas edificações intelectuais do nosso tempo, tendo, para cúmulo, esta nota simpática a ampliar o seu préstimo: pelas condições em que se edita, em tomos por assinatura, a sua esfera de acção instructiva abrange todas as camadas do público, não furtando ao leitor de mais modestos recursos pecuniários a orgulhosa posse do panorama, vasto e tantas vezes batido da luz fúlgida da glória, das letras pátrias.



Henriques Lopes de Mendonça

pas dos seus livros mais populares, e que se celebrou entre as turbas devido a amargas e remastigadas filosofias desrespeitadoras não só do próximo como até da terra natal e dos próprios deuses, filosofias essas que tinham sobretudo a nota singular de não corresponderem a nenhum impulso íntimo do autor, representando apenas uma atitude literária para gáudio e espanto da galeria, esse Albino Forjaz de Sampaio artificialioso, ou virou ultimamente a alma do avêssou, então, cañ-lhe em cima um caldeiro de água benta, que de todo o deixou purificado.

Essa sua conversão, aliás, já vinha sendo esboçada desde longe, mas onde ela francamente deu grito de presença foi no voluminho de há dois ou três anos, *Porque me orgulho de ser português*, e também não menos na *Colecção Patrícia*, obras ambas duma inteligência que, fatigada de andanças acrobáticas, procura e acha prazer nos labores calmos da vulgarização, para os quais, bem vistas coisas, sempre propendem.

Portanto, convencido ele agora, e definitivamente, como cremos estar, de que em nenhum outro campo conseguirá produzir trabalho tão útil como no da bibliografia, para aonde o empurraram com robustas mãos a sua desperta curiosidade de erudito, a sua paciência pesquisadora e o seu comprovado amor ao método, qualidades que constituem, em suma, o protoplasma em que Minerva modela os bons bibliógrafos, — muitos e laudáveis serviços é lícito exigir doravante da sua actividade, fazendo condigno séquito ao que a *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, grandiosa e feliz lembrança sua, nos acaba de revelar.

Feliz e grandiosa lembrança, sim. E também oportuna, para não dizermos urgente, porque seria de véras lamentável continuarmos desprovidos de um estudo completo e analítico da vida literária portuguesa através dos séculos e desde os princípios da nacionalidade, estudo feito em contínuo contacto com os documentos e abrangendo não só os factos como também as suas origens próximas e remotas. Esse amplo estudo, graças à iniciativa de Albino Forjaz de Sampaio, foi agora encetado e dentro de curto praso nos será dado na íntegra, ficando em confronto com as duas monumentais obras simila-

Uma das características mais notáveis da *História da Literatura Portuguesa*, cujo tomo pri-

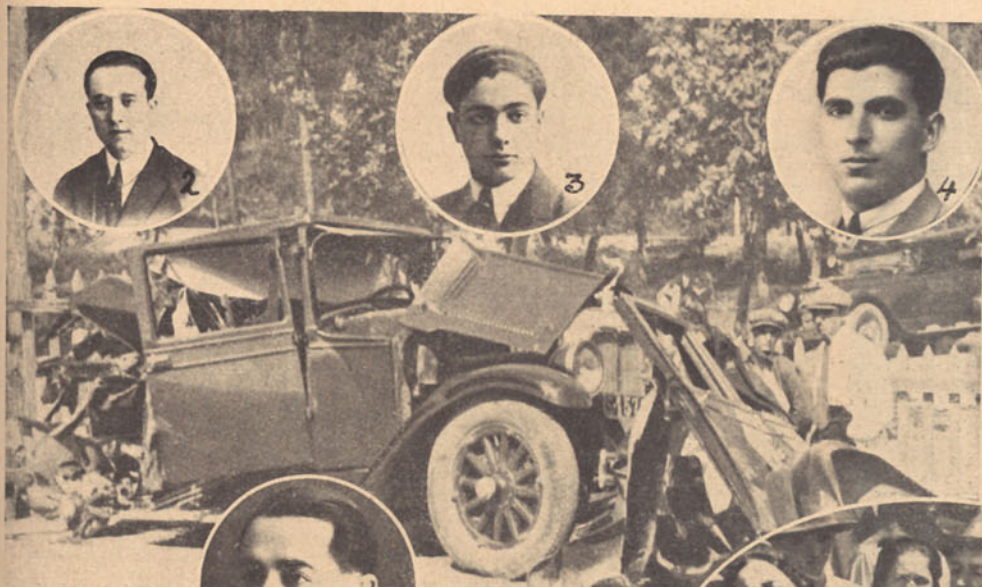
meiro temos na nossa frente, é a grande interferência que nela foi dada à imagem, a imagem que o leitor moderno tem em tanta conta como o texto escrito, por estar convencido, e com razão, de que os olhos são escoteiros do cérebro. A este respeito, já a nossa vista tem muitíssimo com que se deliciar nas páginas do tomo inaugural da obra, pois ele nos reproduz, em vinhetas e largas gravuras, de admirável nitidez e excelente disposição, bastantes e curiosíssimos aspectos de edições em que só um reduzido número de familiares das nossas bibliotecas e arquivos têm logrado pôr os olhos. Tais são as ilustrações extraídas do *Livro das Aves*, um dos mais belos dos nossos códices iluminados do século XII, que nos não interessa apenas pela sua figuração ornitológica como também pelos seus ingéniosos quadros alegóricos, por exemplo aquelle que nos mostra a criação da mulher de uma costela de Adão; e as que pertencem ao *Comentário do Apocalypse de Lorvão*, representativas estas de cenas da vida medieval portuguesa; e, para findarmos a resumidíssima citação, a preciosa reprodução duma página do *Nobiliário do Conde D. Pedro*, formoso códice do século XIII ou XIV, página aqui reproduzida nas suas cores exactas, sem a fala sequer do ouro e prata de algumas capitulares.



Dr. José Leite de Vasconcelos

# PROVINCIA TRAGICA

Os últimos tempos têm sido assolados por uma série de acontecimentos terríveis, por essa provincia fóra. Em todos os rigorosamente indolios reprovizimos: 1—O auto-móvel trágico da Curia e como ele ficou depois do terrível desastre. 2—O quinta-nista de Direito Pinto Coelho, morto. 3— Luis Hercules Soares Gomes, morto. 4— Joaquim Soares Ferreira, morto. 5— Francisco Remartinez, morto. 6—Um aspecto da linha, no amanhecer, vendo-se um dos cadáveres e vários destroços.



1

7—Uma scena lancinante: a familia do estudante Pinto Coelho ante o cadáver. 8—No rio Douro, dense um terrível choque de embarcações, havendo várias vítimas; após o sinistro várias embarcações tentam encontrar os corpos das vítimas. 9—Dois polices raparigas que pereceram no rio e cujos corpos foram achados com fiteixas e redes. 10—O célebre crime de Lagartinhos, Joaquim Borges de Carvalho e seu filho Afonso, escapados no massacre. 11—Um aspecto do local da tragédia vendo-se o sítio (x) onde foi massacrado o Germano.

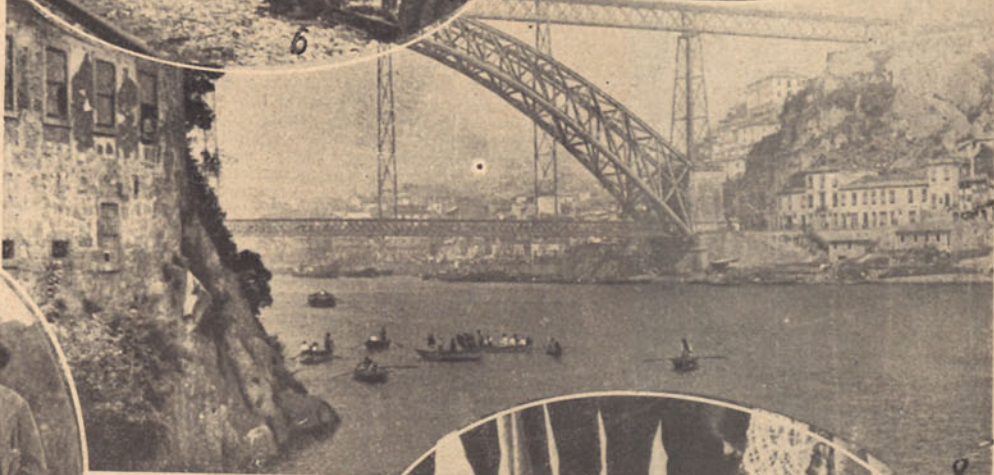
(Clichés Alvaro Martins)



6



7



10



9



11

No Salão da "Voga" estarão expostos os maravilhosos automóveis WILLYS-KNIGHT, marca de fama mundial

# UMA EMBAIXADA DESPORTIVA

NOTAS DE VIAGEM DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL AO BRAZIL

Soltaram o cabo da ré, pouco depois o da prôa. Insensivelmente vai aumentando o espaço que nos separa do cais, negro de gente, bulhoso e agitado.

Rompem palmas, estalam saudações; e a bordo uma voz vibrante saúda o «foot-ball» lisboeta, brinda pelo Brasil e, mais sentida, por Portugal.

Arrancado pelo rebocador possante, o «Alcântara» afasta-se e roda de prôa à terra, onde a multidão alegremente se agita numa despedida carinhosa.

Os lenços batem asas como aves brancas numa aspiração de vôo, ascendem ao alto dos braços trazendo-nos o adens dos que ficam em corpo, mas nos acompanham em alma.

A um canto do cais, destaco as manchas claras dum vestido côr de rosa e duns bracos brancos que sobem e descem, como a chamarem por mim, onde os olhos se me prendem e o coração se me fica; junto a êles, por sobre êles, num adejar triste, palpita um grande lenço rôxo, macerado como uma saúde em flôr.

A multidão foi baixando pelo cais, acompanhando o primeiro deslisar do navio que desce para a barra. Muitos partiram já; a larga mancha negra e compacta de há pouco, semeia-se de claros, desune-se e esvai-se como um rôlo de fumo que o vento revolve. Apenas, aqui ou além, uma asa branca vôe ainda para nós, uma lembrança mais persistente teima em nos acompanhar.

O casario alvo da cidade, estendido pelo dorso das colinas marginaes parece também espreitar-nos, despedir-se de nós num adens amigável, debruçadas as casas detraz por sobre os telhados das dos primeiros planos para melhor nos seguirem nesta abalada de aventureira iniciativa, que agora se inicia Tejo abaixo.

O «Alcântara» virou já, e, de prôa à barra, rompe caminho; mais rapidamente fugimos da terra e os vultos, lá longe, são miniaturas que se confundem.

Mas, mais do que o olhar o coração me distingue ainda, no mesmo cantinho do cais, dois pontões, rosado um, branco o outro, respondendo por certo ao meu adens com o agitar sentido das pequeninas mãos, guiados pelo esvoçar melancólico do lenço rôxo, côr da saúde em peito de mulher.

A vida de bordo é de uma monotonia massacrante; e no entanto as horas são inteira-

mente ocupadas pelos muitos afazeres que de sua iniciativa os próprios viajantes criam por necessidade des distração.

Para não fallar à regra, a bordo do «Alcântara» há muito que fazer, tanto que fazer que das sete da manhã às onze e meia da noite a rapaziada do «Sporting» não tem um momento de seu.

A maioria forma um bloco de idénticas occupações que podem resumir-se em duas palavras: comer, jogar, especificando que se trata de jogos desportivos, dos vários jogos que a bordo são preciosos elementos para castigar o corpo



Seis bons companheiros: Matias, Cervantes, Salazar Carreira, João Francisco, Marilinho e Ferreira

e tornar-lhe menos sentido o desaparecimento da usual actividade.

Houve excepções: o Soares Júnior não pôde fazer mais nada, occupadíssimo sempre em terdões de estômago; o Cândido passou noite e dia a escrever um romance que calculo possa conter em dimensões com o famigerado Romancão; ao Filipe escasseava o tempo para ter mêdo de enjooar, e as raras horas que esta preocupação lhe deixava livres, preenchidas em calorosas e altisonantes discussões com o Carlos Alves, sobre o valor das equipes lisboetas, sem que conseguissem chegar a qualquer acôrdo.

Os outros divertiam-se o melhor que podiam.

As occupações nocturnas dividiam os jogadores em três categorias: os comodistas, que despiam o traje de gala e, à vontade, se vinham estender nas cadeiras do tombadillo; os bailarinos que difficilmente satisfaziam sua paixão deambulatória; e os apaixonados românticos, cujos nomes não divulgo receando indiscreção comprometedora, mas cujas conquistas teóricas serviam de regozijo aos restantes.

Esta última categoria era de todas talvez a mais desafortunada; as raparigas eram poucas a bordo, e essas mesmo desesperadamente insociáveis. O convívio foi sempre o mais limitado, fugindo à regra de casos semelhantes; por isso os namorados, à míngua de parceiras disputavam ardorosamente entre si o direito de terçar armas por Cupido.

Em redôr de uma louca «miss» de aproximação mais fácil, havia sempre cêrco aturado; um dos amouros, o mais lesto, occupava a cadeira ao lado e os outros em volta esperavam espiando occasião de intervir; faziam bicha.

O mais curioso do episódio era o sistema de conversação; a «miss» apenas falava o inglês, do qual os Adonis não percebiam palavra, e meia dúzia de termos dum francês de pronúncia misteriosa que também difficilmente se coadunava com o escasso vocabulário gaulês dos nossos D. Juans. O resultado era lamentoso e houve quem tivesse resolvido o assunto conversando por intermédio de um dicionário português-inglês, alugado na biblioteca de bordo.

As primeiras noites de viagem foram lindas de luar, transparentes e calmas, traçando na planície imensa do mar uma larga estrada rebrilhante, onde scintilavam as cristas espumantes das vagas caprichosas, orladas de espuma, em loucas correrias perseguindo-se. A água cantante do mar, a luz argentea da lua, foram sempre inspiradoras para a boa gente portuguesa, e os nossos rapazes não fallharam à regra. Tinham vindo connosco a guitarra já histórica de Amesterdão, que a continuar assim será em breve a mais viajada guitarra de Portugal, e uma viola; mais do que o necessário para que o fado gemesse a provocar recordações. Cantores não faltavam: todos o eram, todos os portugueses longe da sua terra o são quando lhes chegam ao ouvido os sons do fado a soluçar nas cordas de uma guitarra.

Organisaram-se serenatas, que constituíram um successo: o cantor máximo era o Mendes, acolitavam-no o João Francisco e o Carlos Alves; os restantes, melhor ou pior, formavam os côros, desafiando com uma convicção que lhes perdoava o pecado. O repertório era vasto mas, uma vez esgotado, nem por isso terminava o concerto; voltava-se ao começo e o prazer era o mesmo que se de inéditas canções se tratasse.

Noites houve em que se dansou: o vira, o corridinho fizeram furor.

Depois o grupo dispersava, cada um procurando a sua preferência; mas pelos «decks» do «Alcântara» palpitava noite fora o fado na guitarra, que algum mais saúdosos tangia isolado, lançando ao infinito nas quadras sentimentais de sua canção a melancolia palpitante de uma alma portuguesa:

*Eu não gosto, nem brincando,  
Dizer adeus a ninguém...*

Os concorrentes da caravana concorreram em massa, como era natural, às provas e concursos dos festivais desportivos da viagem. Foram êles que deram a nota de maior animação tallhando para si a mais larga parte de triumpho.

Em doze provas de que participaram conquistaram sete vitórias, cinco segundas e duas terceiras classificações. Os heróis foram o Cervantes e o Matias; dois primeiros e um segundo prémios cada. Andavam radiantes, parecia que lhes saíra a sorte grande.

Na noite da antevespera de chegada ao Rio procedeu-se à distribuição dos prémios no salão nobre do «Alcântara». Aplausos, gritaria, entusiasmo geral, onde os nossos davam a nota mais entusiasmada de vida e mocidade.

Coube-me agradecer uma gentil saúdação feita em português por Mr. Wellington, secretário da comissão organisadora e em poucas palavras traduzi a nossa satisfação endereçando as



Ginkana a bordo—A corrida do Whisky e soda—Da esquerda para a direita: O argentino Garcia (da equipe olímpica), Mendes, João Francisco, Gustavo, Salazar Carreira e Marilinho

**Terá um "stand" no Salão da "Voga" a casa GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD., representante dos magnificos gramofones "His Master's Voice"**

primeiras saudações no Brasil que iam abordar num intuito de amigável estreitamento de relações, e a bordo representado por algumas individualidades marcantes da sua elite política e intelectual, à Argentina cuja equipe de futebol regressante de Amsterdão era nossa companheira, e à Inglaterra cavalheiresca e nobre aliada, da qual fomos hospedes através do oceano.

Tiveram estas palavras o dom de suscitar um acréscimo de simpatia geral, talvez porque inesperadas, e foi entre apertos de mão e abraços cordeais que a festa terminou, indo todos para as corridas de cavalos, porque é preciso que se saiba que o «Alcântara» possui até seu hipódromo aristocrático.

A passagem do equador foi a bordo solenizada com a tradicional festa do baptisado dos néfitos. Da caravana sportingista apenas três, eu, o Martinho e o Mendes, haviam anteriormente transposto a linha e mudado de hemisfério.

Havia portanto vinte a baptisar. Mas a gente portuguesa, a pesar do seu génio folgasão, não gosta de certas brincadeiras; a inocente farça da iniciação neptúncia e o correspondente mergulho depois de ensaboada a cara, pareceram aos nossos um atentado não sei a quê, e sensaboradamente se esquivaram imaginando tratar-se de abusos atentatórios da própria dignidade. Desconfiaram, como autênticos portugueses valentes.

Dos mil incidentes de viagem que poderia relatar, anotemos em duas linhas alguns mais capitulosos:

— O Cervantes, no primeiro dia de viagem,



A BORDO. — Fazendo gymnástica

sacou à sobrezeza do almoço da cigarreira repleta de luxuosos «Murattis», *bout rouge*. Os companheiros pasmaram da riqueza, mas no seu português de tão curiosa pronúncia o Cervantes explicou: «Isto trouxe eu só para fumar à mesa ou no salão; quando não houver gente ao pé, fumo tabaco francês.»

— As sete e um quarto sôa a corneta dando o primeiro aviso para o jantar; a porta do beliche do Jorge entreabre-se e surge a cabeça do Liberato, que pergunta afadigado: «Ó Jorge, isto é o toque para vestir «smokings»?»

— O Matias teve imensa pena de se não mascarar no baile da passagem do equador. Quiz primeiro mascarar-se de preto, mas, mudando de idéas e aproveitando o físico pretendem ser Pal e convidou o Cervantes para *Patachon*.

E dizia-lhe então: «Não te importes que te cortem o cabelo à escovinha; é só por um dia!»

12 de Junho, às cinco da manhã, noite ainda a sangrar no oriente das primeiras punhaladas da alvorada, toda a equipe portuguesa estava pronta no «deck» para não falhar a entrada em Guanabara.

Costeamos a terra de bastante perto, numa série de morros regulares destacando-se em negras silhuetas sobre o fundo mais pálido do céu já a aclarar no horizonte numa promessa de dia.

Os faróis, sonolentos da noite de vigília, vão cerrando os olhos num repouso bem ganho.

Vamos à prôa para melhor apreciar o feérico



AO ATRAVESSAR A LINHA. — O baptisado de Serra e Moura

panorama que pouco a pouco, pela virtude da aproximação e pela graça do sol que desperta, vai surgindo em detalhes da confusão cáctica da noite.

Ao fundo da baía as luzes da cidade, ainda acesas, parecem estrelinhas de um fogo de Santo António queimado em nossa homenagem. A bombordo, a massa sombria e dominante do Pão de Assucar cerca-se no cimo de uma aureolalinhã esbranquiçada de neblina.

A luz que desponta varia continuamente as perspectivas, descobre detalhes, transforma aspectos.

Já dentro da baía, de uma calma de lago, o «Alcântara» desliza suavemente, num marulhar harmonioso, enquanto da terra se aproximam de nós, esqueléticos insectos aquáticos, as guias, «skiffs», a flotilha numerosa e variada dos clubs náuticos que nos vem esperar.

Fundeámos; entrou a visita de saúde. Despacho de corrida as obrigações de desembarque e venho à amurada ver o que nos cerca.

A flotilha de remo juntaram-se alguns rebocadores, onde a bandeira portuguesa é uma segura indicação de fé. Um vapor maior, embandeirado com as flâmulas dos vários clubs cariocas, à ré uma gigantesca «corbeille» de flores, costeia o paquete e de seu bordo dirigem-nos saudações.



A multidão, no Rio, cercando os automóveis dos portugueses

Apercebem-se os primeiros conhecidos; o Alberto Augusto é dos que primeiro chama por nós, em radiante alegria.

Insensivelmente, sem que eu o notasse, por tal forma me prendera na contemplação dos barcos acompanhantes, o «Alcântara» iniciou a nossa última etapa e o cais está já próximo, negro de gentes, como o outro cais que a doze dias de distância eu vira melancolicamente fugir no horizonte.

Sob a luz empoeirada de ouro de uma manhã de estio português, o Brasil acolhe-nos, no cenário magestoso da Guanabara caprichosa de recortes, com o carinho das suas gentes, com o carinho da própria natureza cantando numa apoteose de luz, hinos de boas-vindas.

O paquete encostou, monstro poderoso e bonacheirão que se deixa prender como Gulliver pelas linhas dos liliputianos.

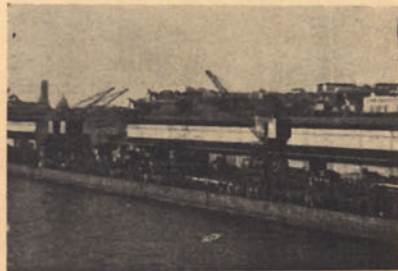
Da multidão partem saudações, conversa-se para bordo, enquanto se estabelece com a terra a ligação definitiva; voam, em traços polferomos, serpentinhas alegres.

Prepara-se a abalada; de um lado despedidas, do outra saudações.

Descemos, cercados já por brasileiros, dirigentes, jornalistas, ou portugueses conhecidos que nos querem mais depressa abraçar. O Vasco Santana é dos que vem na vanguarda.

Impossível agrupar-nos; cada um foi tomado de assalto e a gente é tanta que na onda o arrasta.

Portugueses e brasileiros confundiram-se, formaram um bloco único, e integrados nesta massa compacta e afavel, sentindo-se entre gente sua, numa família encontrada, por esta manhã esplendorosa de 12 de Julho, a caravana do



NO RIO. — A gente no cais, esperando

«Sportings», surpresa e comovida, inebriada, já, pôs pé em terra sagrada do Brasil.

14 de Julho de 1928.

SALAZAR CARREIRA

**TATA, "chapeliers en vogue", rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da "Voga"**

# LIVRO DOS BRASÕES DE ARMAS DE PORTUGAL

T A B O A PRIMEIRA

**ABARCA** — Em campo de ouro uma cadeia de dez fuzis de azul posta em orla e em banda, acompanhada de duas abarcas xadrezadas de negro e ouro, forradas de vermelho.

*D'or, à une chaîne de dix chainons d'azur mise en orle et en bande, accompagnée de deux sabots échiquetés de sable et d'or, doublés de rouge.*

**ABASTO** — Em campo de verde, uma cruz de prata cheia de negro, cantonada no primeiro quartel, de uma Vieira de ouro.

*De sinople, à la croix d'argent remplie de sable, cantonnée au premier canton d'une coquille d'or.*

**ABELHO** — Campo de verde, semeado de abelhas de ouro e sobre um contra-chefe diminuto do mesmo esmalte, um cortiço também de ouro, rematado por uma foíce de prata com cabo de ouro, tudo brocante sobre o semeado; o cortiço ladeado à esquerda por um castanheiro da sua côr, com raízes e frutos de ouro, brocante sobre o semeado e sobre o contra-chefe.

*De sinople, semé d'abeilles d'or à la plaine du premier émail, soutenant une ruche d'or semmée d'une faucille d'argent émanchée d'or, le tout brochant sur le semé; la ruche senestrée d'un châtaignier au naturel, arraché et fruité d'or, brochant sur le semé et sur la plaine.*

**ABENDANHO** — Em campo azul, uma camalha mourisca de prata passada de três flechas do mesmo metal, ensangüentadas, duas da direita e uma da esquerda.

*D'azur, à un camail mauresque d'argent percé de trois flèches du même métal, ensanglantées, deux à droite et une à gauche.*

**ABOIM** — Esquartelado: I e IV, xadrezado de ouro e de azul, de cinco peças em pala e cinco em faixa; II e III, em campo de ouro, três palas de azul.

**TIMBRE:** Dois braços vestidos de azul, sustentando entre as mãos um quadro xadrezado (o 1.º quartel do escudo).

*Écartelé: au I et IV, échiqueté d'or et d'azur de cinq tires de cinq points; au II et III, d'or, à trois pales d'azur.*

**CIMIER:** Dois braços retos d'azur, sustentando entre as mãos um carreuau échiqueté (o primeiro quartel de l'écu.)

**ABOR** — Xadrezado de azul e de prata de sete peças em pala e seis em faixa.

*Échiqueté d'azur et d'argent de sept tires de six pièces.*

**ABRANCHIES** — Em campo de ouro, uma banda de azul, carregada de duas cruces de ouro, florenciadas e vasias, acompanhada de duas águias de vermelho, estendidas, armadas de negro.

**TIMBRE:** Uma águia do escudo.

*D'or, à la bande d'azur chargé de deux croix d'or florencées et vidées, accolées de deux aigles au vol éployé, de gueules armées de sable.*

**CIMIER:** Uma águia de l'écu.

**ABREU** — Em campo de vermelho, cinco asas de ouro em sautor.

**TIMBRE:** Uma aza do escudo.

*De gueules, à cinq demi-vols d'or posés en sautoir.*

**CIMIER:** um demi-vol de l'écu.

**ABUL** — Partido; o I em campo de ouro, meia águia de duas cabeças estendida de negro, sancada e bicada de vermelho; o II em campo azul, uma faixa cosida de vermelho, carregada de um crescente de prata voltado para baixo e acompanhada em ponta de dois outros na mesma posição, também de prata.

**TIMBRE:** um crescente do escudo entre duas asas de negro.

*Parti: au I d'or à la demi aigle de l'Empire, de sable, membrée et becquée de gueules; au II d'azur à la fasce cousue de gueules chargés d'un croissant versé, d'argent et accompagnée en pointe de deux autres versés du même métal.*

**CIMIER:** um vol de sable, sustentando um croissant versé, d'argent.

**AÇA** — Em campo de ouro, uma cruz florenciada de vermelho, vazia de campo, cantonada de quatro caldeiras faxadas de sete peças de negro e de ouro com as asas de negro; bordadura cosida de prata, carregada de dez asas de vermelho.

*D'or, à une croix florencée de gueules, vidée du champ, cantonnée de quatre chaudières fascées, de sable et d'or de sept pièces, leurs anses de sable; à la bordure cousue d'argent, chargées de dix flanchis de gueules.*

**AÇA (2.º ramo)** — Em campo de ouro, uma cruz florenciada de vermelho, vazia de campo, dentro de uma orla de prata bordada de negro, carregada de dez asas de vermelho; e dez caldeiras faxadas de sete peças de negro e de ouro, com asas de negro, postas em bordadura.

*D'or, à une croix florencée de gueules, vidée du champ, renfermée dans un orle d'argent bordé de sable, chargé de dix flanchis de gueules, et dix chaudières fascées de sable et d'or de sept pièces, leurs anses de sable, posées en bordure.*

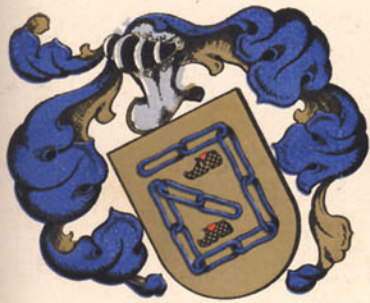
**ACCIOLI** — Em campo de prata, um leão de azul armado e lampassado de vermelho, carregado de uma flor-de-liz de ouro sobre a espádua.

**TIMBRE:** O leão do escudo.

*D'argent, au lion d'azur armé et lampassé de gueules, chargé à l'épaule d'une fleur-de-lis d'or.*

**CIMIER:** Le lion de l'écu.





Abarca



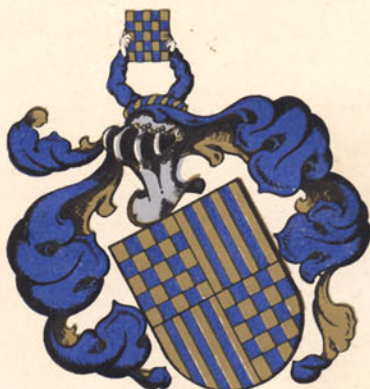
Abasto



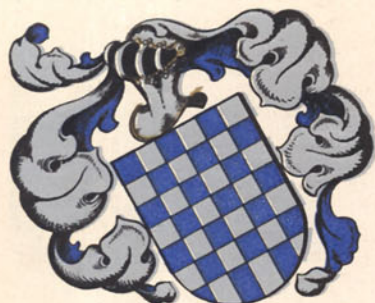
Abelho



Abendanho



Aboim



Abor



Abranches



Abreu



Abul



Aça



Aça



Aecioli

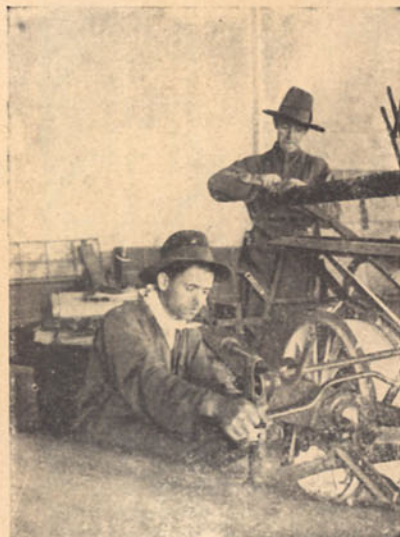
# A TERRA PORTUGUESA

## NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

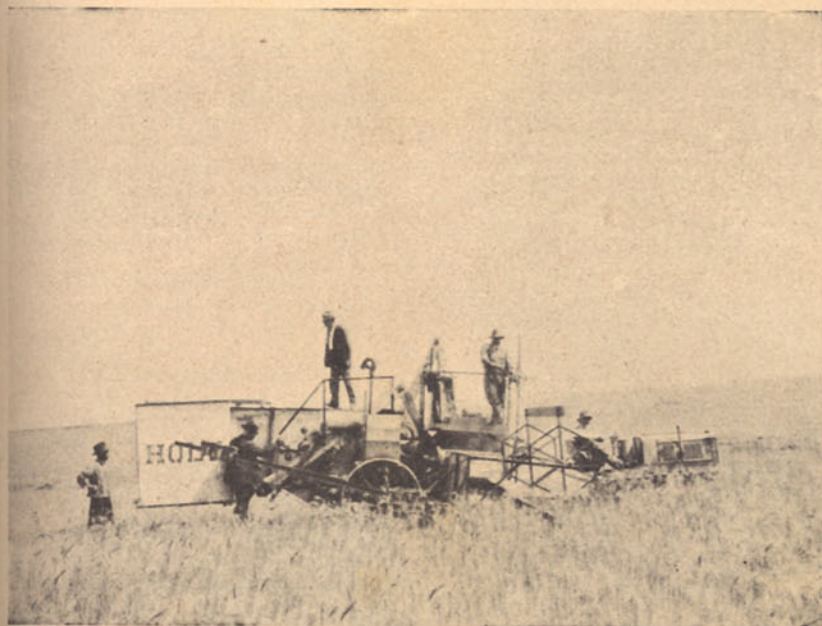
IX — CULTURA MECÂNICA — CEIFAS E DEBULHAS — (Continuação do n.º 63)

Prosseguiram em Elvas, com pleno sucesso, as demonstrações com as ceifeiras-debulhadoras. A perfeição do trabalho e a sua economia impressionaram vivamente

manual e debulha ordinária (incluindo os acarretos), a importância de Esc. 320\$600 por hectare; pelo novo processo (incluindo a subsequente preparação da palha que fica



Alunos do curso de mecânicos da Escola de Queluz montando uma ceifeira-atadadeira



Experiências de ceifeiras-debulhadoras em Elvas

agricultores e técnicos que assistiram às experiências.

Foram registados pelos engenheiros-agrónomos Freire de Andrade e Vitório Pires, este último prestante do Posto Agrário local, os seguintes resultados:

Quanto a perda de cereal (que a debulhadora deixa fugir na palha) apenas 1,83 % e 1,62 %, respectivamente nas duas máquinas «Holt» e «Case» em experiência. Na debulha vulgar perdas de 5 a 10 % são admissíveis.

Quanto ao rendimento, nos ensaios feitos, a «Holt» ceifou e debulhou o trigo de 9,3 hectares em 10 horas de trabalho; a «Case» (abrangendo 4<sup>m</sup> no corte, contra 3<sup>m,60</sup> da «Holt») ceifou e debulhou sobre 8,5 hectares em 7,51 horas. Abstemo-nos das notas do consumo relativo porque são ainda aproximadas.

Com os dados obtidos, e tendo em conta a posição do terreno da experiência e os encargos habituais da lavoura regional, foram apresentados sugestivos números comparativos, demonstrando a economia do processo: pode admitir-se, para custo da ceifa

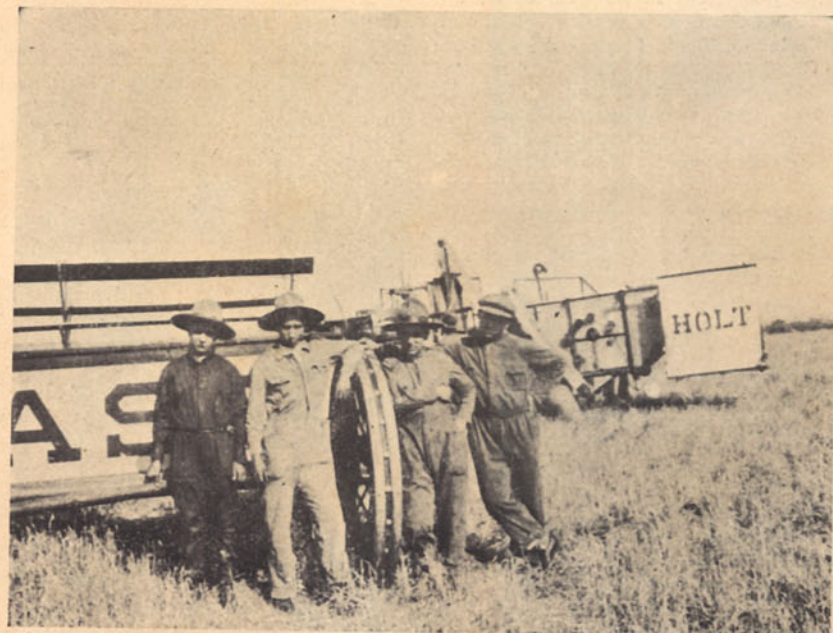
cortada pela máquina mas não amalhucada) o custo do trabalho reduz-se a 138 escudos

por hectare! Há, para o caso em questão, uma economia por unidade de superfície de Esc. 191\$60! Cerca de 30 contos em 20 moios de semeadura, por exemplo!

Como esclarecimento pode acrescentar-se que a máquina «Holt» custou ao Estado em roda de 42 contos e a «Case» 58 contos.

Nesta missão do fomento da lavoura mecânica, tem grande importância, como se disse no artigo anterior, a preparação do pessoal habilitado. Precisamente o curso de condutores dirigido pelo agrónomo Freire de Andrade, na Escola de Queluz, permitiu que, nas experiências citadas, aparecessem em trabalho novos elementos desta escola que bem a acreditam.

AZEVEDO GOMES.



Alunos do curso de condutores da Escola de Queluz, arrocinando em Elvas



# UM ABRAÇO PENINSULAR

A viagem dos nossos queridos amigos, João da Cunha de Bça e João de Sousa Fonseca, respectivamente director-delegado e director literario da *Ilustração*, à capital do visinho reino, se bem que fosse mais uma viagem de carácter desportivo que intellectual, pois se realizou em notáveis «tempo» em automóvel, adquiriu um significado inteiramente envidescador para quantos trabalham nesta casa e foram, implicitamente, envolvidos pela atmosfera de carinho e afecto com que alguns prestigiosos artistas espanhóis rodearam os nossos directores. Apesar da época calmosa ter afastado de Madrid grande parte dos artistas e literatos de prestígio e amigos de Portugal e do carácter absolutamente «não oficial» da visita a Madrid dos nossos directores, foram eles tratados com os maiores requintes de delicadeza e de affectuosidade sincera. A hospitalidade espanhola, de resto proverbial e até requintada para com os portugueses, foi levada ao cúmulo e após o acolhimento carinhoso e amigável do eminente embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto e do ilustre consul, o talentoso escritor e intellectual de fino quilate que é o dr. Feliz de Carvalho, os nossos amigos foram disputados por artistas, jornalistas e literatos que rivalizavam por lhes mostrar os altos dotes de gentileza de suas almas peninsulares.

Escultores como Vitorio Macho, Juan Cristóbal e Emilio Barral, pintores como Anselmo Miguel Nieto, jornalistas como Luís Bello, José Lopez Rubio, Luís Calvo, homens de letras como o grande D. Ramon de Valle Inclán, Tomás Borrás e Alfonso Hernandez Catá, artistas do teatro e do cinema, todos provaram o afan com que em Espanha se quer amar profundamente tudo quanto é português, numa ânsia verdadeira de fraternidade e mútua estima. Não resistimos à tentação de transcrever algumas palavras com que, depois da partida dos nossos directores, alguns dos grandes artistas e amigos de Portugal, que com eles privaram, apreciam a sua visita.

Victorio Macho, o sublime escultor de tantas maravilhas, escreveu:

«A obra de aproximação intellectual e artística hispano-portuguesa, há tantos anos sonhada, e cuja necessidade eu tenho proclamado em benefício mútuo para os dois países irmãos, começa a ser uma realidade, graças à generosa dedicação dos amigos portugueses.

«Tive o prazer de conhecer aqui em Madrid os ilustres directores de a *Ilustração* e é com o maior orgulho que os felicito publicamente pelo acolhimento que deram na sua brilhante revista a uma ideia que merece a gratidão de todos os peninsulares.

VICTORIO MACHO.»

O pintor Anselmo Miguel Nieto, um dos mestres da pintura moderna em Espanha, opina o que se segue:

«A estadia em Madrid dos simpáticos directores da *Ilustração* foi um grande passo andado para a realização do intercâmbio artístico e literário luso-espanhol.

«Embora seja muito, não basta que em Espanha se conheçam literatos portugueses, e, em Portugal, literatos espanhóis. Os nossos pintores e escultores também se devem permutar como os artigos literários. Seria de muito interesse uma exposição em Lisboa de artistas espanhóis e outra, em Madrid, de artistas portugueses. Aficção a ideia e o meu apoio incondicional.

ANSELMO MIGUEL NIETO.»

Outro grande escultor, o célebre Juan Cristóbal, diz, com entusiasmo sincero:

«A visita a Madrid dos meus amigos Cunha de Bça e João de Sousa Fonseca, bravos e inteligentes rapazes, que meteram ombros a uma obra que ha muito estava no espirito de portugueses e espanhóis, deve ser retribuida pela ida a Lisboa de alguém que aqui represente a mesma força literária e artística que eles representam em Portugal e que nos dê as mesmas garantias de entusiasmo e boa orientação.

JUAN CRISTOBAL.»



Curiosa fotografia «à lá minute» tirada durante um passeio no Escorial. — Da esquerda para a direita: José Lopez Rubio, talentoso jornalista; Novais Teixeira, redactor da «Ilustração» em Madrid; João da Cunha de Bça, o grande pintor Anselmo Miguel Nieto, João de Sousa Fonseca e o ilustre escultor Juan Cristóbal.

Um outro artista de alta estirpe, Emilio Barral, plasmador de sensações e emotivo artista da nova geração, assim falou da visita dos nossos amigos:

«Seja intensificado o intercâmbio artístico luso-espanhol com uma exposição em Madrid de pintores e escultores portugueses. Reitero aqui o oferecimento que fiz aos bons amigos da *Ilustração*, quando tive o prazer de os cumprimentar: pôr à disposição desta ideia a minha condição de artistas espanhol e colaborar praticamente na sua realização.

E. BARRAL.»

Um grande nome, Tomás Borrás, velho amigo de Portugal e dos portugueses, artista de grande envergadura e alma de generosidade grande como o seu talento, entou um cântico de fraternidade peninsular:

«Creio que a única forma para que Portugal e Espanha desenvolvam no futuro os rebentos de bom entendimento que já vão aparecendo, consiste na intensificação do seu conhecimento mútuo.

«Enquanto se desconhecem os dois países; enquanto em Portugal se tiver a ideia duma Espanha em escombros; enquanto em Espanha se ignorar por onde se vai a Portugal, estão a mais todos os tratados diplomáticos. Em compensação, tenho absoluta fé no carinho e na admiração dos de cá e dos de lá, quando regressam das terras visinhas. Porque Portugal e Espanha são os dois países — os dois únicos — verdadeiramente irmãos do mundo.

TOMÁS BORRÁS.»

E finalmente, um dos mais brilhantes jornalistas da camada nova do jornalismo espanhol, José Lopez Rubio, humorista e cronista scintilante, produziu uma nota original e inédita.

«Da viagem a Madrid de João de Sousa Fonseca e João da Cunha de Bça tudo se pode esperar. (Tudo bom, naturalmente). B, acima de tudo, aquilo que há tanto tempo esperamos: uma orientação eficaz e inteligente, uma colaboração efectiva, uma realização precisa e imediata dessa amizade, compenetração, etc., luso-espanhola, tão malgastada, como tópico, no fim de todos os banquetes e recepções.

«Conhecemos sobradamente o valor das frases ócas para que nos contentemos e alegremos com elas. A nossa amizade profunda e autêntica, a evolução paralela das nossas culturas, exigem uma realidade de aproximação, um mesmo compasso.

«E para este compasso, João de Sousa Fonseca e João da Cunha de Bça, devem dar o que é mais necessário; o tom. Deles pode, e deve, esperar-se um tom vivo, elevado, útil, fino, claro, inteligente: exacto.

«Se soubermos seguir este tom, edificaremos, com os melhores materiais, esta amizade peninsular, à qual se deve pôr sempre a primeira pedra.

JOSÉ LOPEZ RUBIO.»

*Ilustração* e os seus redactores agradecem comovidamente aos ilustres artistas espanhóis o muito de carinho que puzeram no acolhimento aos nossos directores.

# COMO GUALDINO GOMES DEMONSTROU QUE EÇA DE QUEIROZ FEZ UMA LITERATURA COLONIAL

Durante a hora do seu almoço ali no Café do Chiado, costuma o sr. Gualdino Gomes, discretamente amênamente com um ou dois amigos. Uma vez por outra proporciona-se-nos a ocasião de escutá-lo com prazer, porque na sua conversa, cheia de ironia e relevo literário, há sempre ensinamentos salutaros, verdades amargas que o tom humorístico em que são proferidas não adoça nem disfarça, citação de factos inéditos e curiosos. As suas palestras são lições admiráveis que não se devem desprezar.

Entre duas garfadas, Gualdino Gomes, falava naquele dia da personalidade literária de Eça de Queirós, por quem não sabe ocultar uma grande simpatia. E não é para admirar esta simpatia, dadas as afinidades espirituais existentes entre o Director da Biblioteca Nacional e o autor de *Cidades e Serras*.

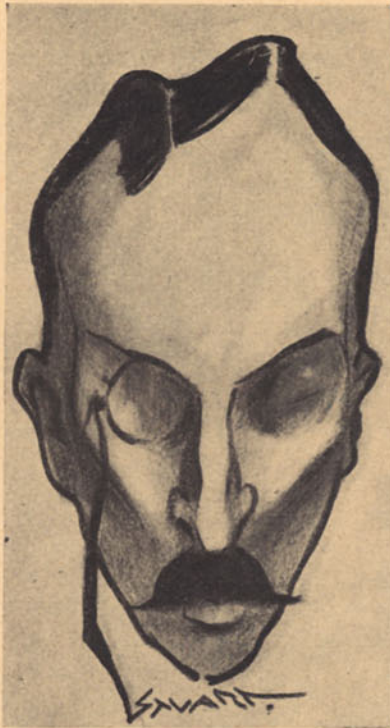
Gualdino, como Eça, é um observador irónico da vida, possui um espirito crítico muito vivo e scintilante e uma graça muito intelectual e requintada.

Gualdino Gomes considera Eça de Queirós o melhor discípulo de Flaubert e de Balzac.

— Como Flaubert — dizia êle — Eça era um artista da palavra. Trabalhava a frase com amor e requinte. Ninguém como êle soube manejar o adjectivo. Corrêgia a sua obra com uma paciência extraordinária. Era um insatisfeito, um torturado.

Preguntámos a Gualdino Gomes se conhecera pessoalmente o autor dos *Maias*.

— Não — responde-nos. — Apenas o vi uma vez. Era um homem magro, alto, um pouco corcovado, de olhar irónico, com cujo monoculo Lisboa do seu tempo não podia concordar. Nunca convivi com êle. Não era fácil, não só porque Eça começou muito novo a viajar, conservando-se largas temporadas longe de Portugal, como ainda porque naquela época os escritores não levavam, como agora, uma vida tão devassada.



«Os homens de letras eram pessoas que nós olhávamos com um grande respeito e no seu grémio não era fácil, como hoje, qualquer mortal entrar.

«Eça levava uma vida de príncipe, que os seus meios de fortuna lhe proporcionavam. A carreira diplomática deu-lhe ensêjo de tomar contacto com civilizações mais apuradas. Assim, se explica que êle, instruído no estrangeiro, notasse com mais facilidade os defeitos da sociedade portuguesa, rotineira e mesquinha.

Após uma longa pausa em que o seu pensamento mergulhou em longínquas recordações, Gualdino prosseguiu:

— Lisboa era nesse tempo uma grande aldeia, sem movimento, sem vida. Oferecia à Europa o aspecto de uma cidade colonial. Medrava a intriguinha pequenina e reles. Os seus habitantes marchavam com lentidão e a existência decorria monótona, sem lances emocionantes. As meninas safam à rua duas

vezes por ano, andando com dificuldade por causa dos sapatos muito apertados.

«Eça vinha de longe, ébrio de civilização, e notava o contraste entre a vida lá de fora e a que se arrastava por aqui, miseravelmente. Por isso a sua obra é a de um estrangeiro irónico, observador que analisa, critica e disseca uma exótica multidão de coloniais que somos nós todos. A sua literatura é colonial.

Como houvéssemos mostrado o nosso espanto ante a arrojada afirmação, Gualdino confirmou com mais energia:

— A obra de Eça não passa de pura literatura colonial. O senhor é muito novo e está demasiado integrado no meio para poder observá-lo. É preciso ter setenta anos, como eu, e não ir ao cinema, para observar estas coisas serenamente. Já viveu alguma vez nas colónias? Não?... Pois há certas cidades africanas onde a vida não é tão colonial como a de Lisboa.

«Como sabe, as populações coloniais criam uma mentalidade especial, uma acentuada dependência espiritual da metrópole. Esta é que lhe envia os figurinos. Tudo o que não estiver conforme o pensamento da metrópole, está errado. Lisboa é uma colónia da França, economicamente à Inglaterra.

Interrompeu-se para melhor se concentrar nas suas locubrações. O criado acabava de lhe trazer os ovos estrelados, de sua predilecção, muito amarelos e trémulos na sua clara gelatinosa.

— A França — prosseguiu êle — envia-nos as suas ideias políticas e os seus modelos literários. A Inglaterra manda-nos o carvão, leva-nos a cortiça e os vinhos. Trabalhamos para os ingleses, pensamos pelo cérebro dos franceses. Repare neste facto curioso: são os estrangeiros que exportam os nossos produtos. As cortiças e os vinhos são enviadas para a Europa pelos ingleses. O melhor comércio de exportação está nas suas mãos.

Nós, como os indígenas nas colónias, limitamo-nos aos trabalhos rudes e menos rendosos.

As palavras de Gualdino Gomes seriam pessimistas, mas não deixavam de ser terrivelmente verdadeiras.

— Só consideramos bom o que fôr de origem estrangeira — continuou o nosso entrevistado. — Diz-se freqüentemente, quando se quer valorizar uma ideia, um objecto: «É como se pensa lá fora», ou então: «Tal qual se usa lá fora». Lá fora é o senhor, cá dentro o escravo. Mentalidade colonial, pura mentalidade colonial.

Tinha razão, absoluta razão. E conforme ia falando, à medida que a sua palavra transparentemente fácil brotava de seus lábios, a sociedade portuguesa, acanhada, trôpega, ia surgindo ante os nossos olhos. Aquele desprezo pelo que é nacional e a admiração subserviente por tudo o que vem do estrangeiro, focados por Gualdino, assumiam uma nitidez espantosa.

Lembron-nos um episódio que há dias um amigo nosso nos contára e que merece ser repetido no decurso deste artigo, por nele bem se ajustar.

Uma senhora elegante desce de um taxi à porta de um estabelecimento elegante. Entra e dirige-se ao dono da casa.

— Tem *sweaters*? — pergunta, empregando o termo inglês *sweater* por ser mais elegante, de mais tom...

— Temos, sim, minha senhora. — respondeu o homem. E apresentou-lhe coletes de malha de lã, bonitos, elegantes, de fabricação nacional.

— Ah! são portugueses... — disse a senhora de bom tom, num gesto de desprezo.

— Não prestam. Os artigos nacionais não duram nada. Não tem *sweaters* estrangeiros?

O homemsinho não tinha. Mas conhecedor da psicologia das suas clientes, não teve a menor dúvida em afirmar que sim, que tinha uns coletes ingleses.

Chegaram ontem — disse êle. — Vou buscá-los.

Levou os coletes portugueses, trocou-lhes as etiquetas portuguesas por outras britânicas e voltou a apresentá-las à sua cliente.

Estas *sweaters*, minha senhora, são de padrões idênticos aos portugueses, a qualidade do artigo é que é outra, como vê...

A cliente viu, palpou e ficou bem impressionada.



— Isto é outra coisa — comentou em tom optimista.

É pagou-as pelo preço que o proprietário da loja entendeu por bem pedir-lhe,

— O Brasil — dizia-nos Gualdino Gomes — que era, segundo Herculano, a nossa melhor colónia, depois que a perdemos, conservava ainda há bem pouco tempo, em relação ao nosso país, a mesma atitude mental que nós mantemos em relação ao resto da Europa. Quando lá estive ainda se dizia pimenta do reino para distinguir a pimenta da Índia que nós lhe enviávamos da pimenta que lá se produzia. Dizia-se branco do reino para designar os portugueses e distingui-los dos brancos brasileiros. Eram os restos da nossa influência colonizadora que anadavam nestes termos.



«Ora, o autor do *Primo Basílio* assimilou, por condições especiais da sua vida, uma mentalidade estrangeira. Por isso notava com mais facilidade as nossas fraquezas, os nossos ridículos de coloniais.

Homens como Eça ou como Garrett, escrevendo as *Viagens na minha terra*, num tempo em que entre nós se usava uma prosa fradesca e insípida, só se explicam em Portugal procurando-lhes a origem no estrangeiro. O nosso meio é demasiado árido e precário para dar tão saborosos frutos...

Talvez Eça não tivesse traçado as caricaturas imortais, como o Pacheco e o conselheiro Acácio, se não tivesse feito a sua cultura no estrangeiro. Os lisboetas, os caricaturados, só muito tarde lhe perdoaram as suas impertinências literárias. Foi sempre no seu tempo um escritor impopular. Os seus livros e as suas ideias, ao contrário do que sucedia, por exemplo, com Camilo, irritavam, ofendiam esta população de coloniais.

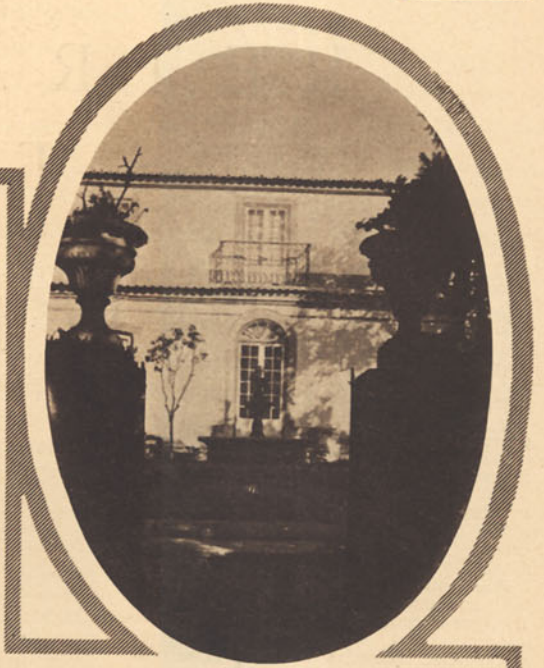
Terminára o almoço. Gualdino tomava agora o seu chá e acendia uma cigarrilha minúscula, cor de chocolate.

— Estou convencido — afirmou — de que Eça sofria com o pouco êxito de livraria que no seu tempo tinham as suas obras. É que a sua feição literária contrariava o almejado êxito. Não é porque êle não desejasse êxitos retumbantes; amava o dinheiro, veja-se os voluptuosos adjectivos com que êle acompanhava sempre o substantivo dinheiro; gostava de ter dinheiro porque êste lhe proporcionava melhores gosos; mas em Portugal não se podia pensar em alcançar grandes proventos pela literatura. Os seus livros causaram escândalo numa pequena roda de gente; o escândalo não se transformou num êxito de livraria. Dizia-se mal de Eça de Queirós por ouvir dizer, não porque se lessem os seus livros. O êxito começou a alcançá-lo depois de morto. Lenta mas intensamente, a sua obra foi-se espalhando, irradiando facilmente para o estrangeiro, dada a universalidade da sua feição literária.

Gualdino Gomes erguera-se. A Biblioteca Nacional reclamava a sua presença. Abandonou a cavaqueira a passo lento, mas seguro, enquanto nós ficávamos pensando, admirados, na frescura e mocidade dos seus conceitos, que muitos jôvens, decerto, invejariam.

# A CASA PORTUGUESA

A ANTIGA QUINTA  
DAS LARANJEIRAS  
LISBOA



PROPRIEDADE  
DO SR. BOAVENTURA MENDES DE ALMEIDA

# JOÃO DA SILVA

## RETRATISTA

Não se cansa o notável artista português João da Silva de nos dar obras admiráveis, a que o seu privilegiado talento, técnica segura, raro poder de emotividade, requintada concepção do belo, ânsia constante de aperfeiçoamento e qualidades excepcionais de tenacidade e de trabalho, estimulam e favorecem.

Relativamente pouco conhecido na sua pátria, porventura por viver quasi sempre no estrangeiro, nomeadamente em Paris, onde tem atelier, onde aplica a sua actividade e tem colhido os mais justos e honrosos prémios e distinções, João da Silva, numa breve visita a Portugal, trouxe-nos especimes de alguns dos seus belos trabalhos, nos quais sempre se nota uma vincadíssima personalidade de artista, servida para cada criação plástica pelo processo mais adequado e expressivo.



Retrato de M.<sup>ra</sup> S.

João da Silva, o nosso inegalável medalhista da moeda de ouro representando a «Fortuna», das medalhas da «Vitória», «Turismo de Portugal», «Cêntenário da Escola



Agnés Souret, a mais linda mulher de França

Médica do Porto», «Homenagem a Franchini» e do «Concurso Nacional de Tiro»; o decorador admirável do «Vaso e trabalhos ornamentais» adquiridos pelo Estado suíço em 1903, para o Museu de Genebra; é um grande escultor que tem honrado Portugal lá fora e cujo nome de destaque perderá.

Muito me desvaneco ter oportunidade de



Busto do dr. Armando Navarro

dizer qualquer coisa sobre a sua obra, na qual os que possuem requintado gosto e delicada sensibilidade artística, encontrarão constante prazer estético.

Não é o escultor cheio de graça e de encanto dos assuntos de carácter: ninfa «Ephyra» do nosso Museu de Arte Contemporânea, «La dernière rose» adquirida pelo governo francês; dos temas populares em que sempre capta e transmite a beleza rústica: «Campinos», «Zagaís», «Alentejanos»; dos animais, como aqueles expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes e que foram adquiridos para o Museu de Arte Contemporânea, em que surpreende e fixa sua intenção e elegância de movimentos; mas sim o retratista que de momento me interessa analisar.

É facto que em todos aqueles géneros se revelam modalidades muito curiosas do distintíssimo artista, mas talvez porque o retrato mais o interessa, nele encontro aspectos mais variados e talvez mais representativos do seu talento.



O violoncellista Belland

João da Silva não está adstrito a um só processo de estilização, nem se deixa dominar por êle. Sempre duma grande sinceridade em tudo o que faz, adapta as suas grandes faculdades de manejar qualquer matéria, ao assunto que interpreta. Daí uma enorme variedade de expressões onde se não pressentem nem ideas preconcebidas, nem subordinação do tema ao processo.

Se nos assuntos mais livres e decorativos, em que a preocupação realista — digo-o com restricções — não é tão acentuada, João da Silva reserva para a concepção, arranjo e factura uma estilização mais pesosa, no retrato o «sujet» domina sempre, impondo-se por tal forma que impressionado por êle, é só êle que o artista procura representar, com todo o poder de expressão.

Tive ocasião de observar que é sempre essa comoção que gera neste distinto artista, o sentido da composição e da maneira. Um grande culto pela beleza de correcção e de equilibrio, da linha, da forma, do movimento, da relação de massas e planos, influencia bastante em tudo quanto produz, dando uma feição muito distinta à sua obra.

João da Silva procura caminhar constantemente para a perfeição, e não se suponha

que êste desejo aplicado à factura de cada obra, influa de algum modo, roubando-lhe frescura e aquilo a que muitos chamam espontaneidade. Não. A insistência, que uma ânsia de artista superior plenamente justifica, condu-lo a formas sintéticas, em beneficio da simplificação e da expressão, e ao contrário de muitos artistas, as suas obras ganham em frescura à medida que êle as trabalha.

Tudo isto se encontra na vasta galeria de esculturas do retratista illustre, de que publico, ilustrando estas linhas, algumas reproduções. Nesses trabalhos e noutros que infelizmente não posso agora dar a conhecer ao leitor, notam-se as suas invulgares quali-



A «Condessa de Guiteaux» e a «Baronesa Hubert de Beaugrenier» quando meninas, com o irmão

dades, desde o belo equilibrio de composição à modelação simples e vigorosa.

Os recentes retratos: o busto do engenheiro sr. Branco Cabral, admiravelmente construido, forte e revelando um carácter firme e um espirito fino e o busto de mármore de M.<sup>lho</sup> L. Pedroso, tratado com uma encantadora ternura, graças à qual somos atraídos pela viveza de espirito, pela sympathia e já acentuada personalidade da pequenina, são duas obras notáveis.

Muito bela, a cabeça do violoncellista Belland, soberba representação plástica dum espirito, duma sensibilidade, duma vontade.

O busto do doutor Armando Navarro, em que se não sabe se é o desenho, a modelação, a semelhança física, o extraordinário poder de retratação psíquica que mais se impõe, é um dos seus mais notáveis trabalhos.

O lindo retrato de M.<sup>lho</sup> X., em que a sua técnica mais macia nos dá a impressão da frescura da graciosa criança. Aqui a composição, a attitude, o equilibrio, quer geral, quer do detalhe, tudo nos ajuda a sentirmos esta bela obra e a conhecermos o modelo.

O distintissimo grupo da condessa De Guiteaux, baroneza Hubert de Beaugrenier e seu irmãsinho, numa discreta estilização que lhes dá o seu grande ar fidalgo, é pela harmonia das linhas de construção, pela forma do agrupamento, pela elegância com que está tratado, um lindo trabalho.

O mesmo direi dos retratos de M.<sup>lho</sup> S. e do primeiro prémio de beleza de França, do concurso organizado pelo *Le Journal* em 1920, M.<sup>lho</sup> Agnès Souret, e tantas outras obras que fazem de João da Silva, admirado e premiado em Genebra e em Paris, um dos mais notáveis entre os mais illustres artistas portugueses da época presente.

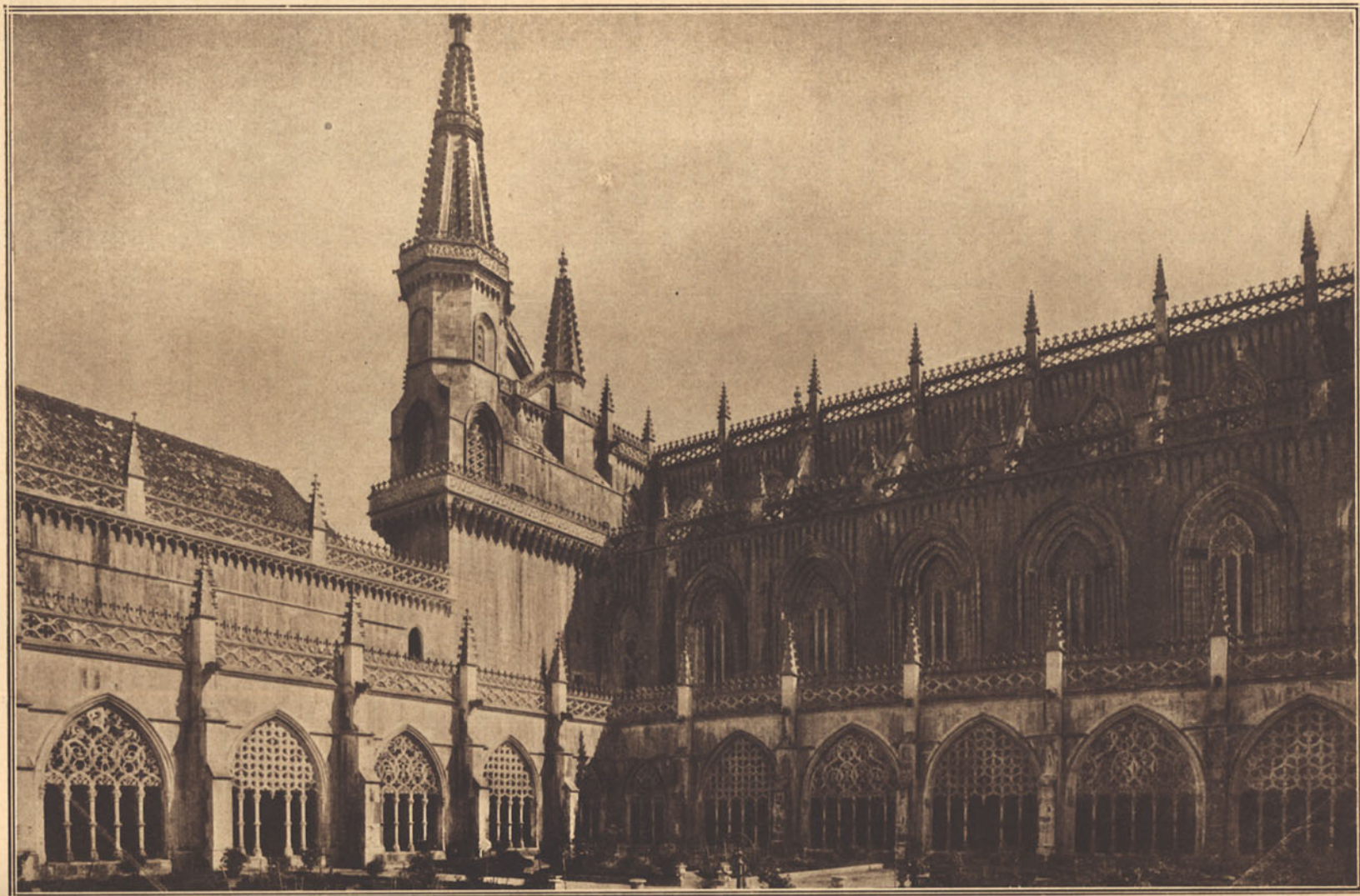
Lisboa, Junho de 1928.

Lúís REIS SANTOS.



Retrato de M.<sup>lho</sup> X

## BELEZAS DE PORTUGAL



O FORMOSÍSSIMO CLAUSTRO DO CONVENTO DA BATALHA



UMA SEREIA... A bailarina russa Natacha, uma das mais formosas artistas que actualmente se exibem entre nós, pousou para a *Ilustração*, na maravilhosa praia do Monte Estoril, depois de ter pousado para o grande pintor António Soares que desenhou com o seu talentíssimo a formosa cabeça que reproduzimos.

(Fotos Mário Novais).



# JUNTO AO MAR...

...sol o sol formosíssimo dos Estoris, miúdos e graúdos, brincando na areia dourada com igual despreocupação, foram focados pelas objectivas bisbilloteiras dos nossos fotógrafos, num conjunto inédito de episódios flagrantes





## UM QUADRO SENSACIONAL

O nosso compatriota Eduardo Malta, pintor muito apreciado entre os que se dedicam ao difícil gênero de retrato, durante a sua estada recente em Espanha foi muito acarinhado por tôdas as classes sociais numa demonstração, que a todos os instantes se repete, de afecto por tudo o que é português. Começando por pintar o retrato do nosso ilustre representante diplomático, o senhor Embaixador João Carlos de Melo Barreto que, com a solicitude costumada, o encaminhou na vida social madrilena, por intermédio do alto prestígio do mesmo ilustre plenipotenciário obteve a difficilissima concessão de retratar o ilustre chefe do governo espanhol, general Primo de Rivera, que já recusára *poucar* para alguns dos mais categorisados artistas espanhóis. Eduardo Malta, levando a cabo o seu labor artístico, teve a satisfação

de obter desde logo a admiração pessoal do prestigioso homem de Estado, admiração reflectida na immediata encomenda do retrato das gentis filhas do Marquês de Estela e do histórico retrato em que o eminente primeiro ministro de D. Afonso XIII figurava com sua noiva, señorita de Castellanos, quadro este que se destinava a presente de núpcias e foi destruído após a rutura de compromissos entre os dois noivos, nas circunstâncias que interessaram vivamente tôda a Europa.

Logo após, Eduardo Malta retatou mais uma vez o ditador espanhol, no formoso quadro que hoje reproduzimos e que o governo espanhol adquiriu para figurar na Sala dos Presidentes do Conselho, no Ministério. É uma enorme tela, de 3 metros por 2,80, que tem sido lisongeiamente apreciada em Espanha pela elegância do desenho e de-

corativismo da composição. O acolhimento que Eduardo Malta teve em Madrid é uma prova de amizade pelo nosso país que devemos gratamente considerar, sendo de especial significado para a *Ilustração*, pois que, tendo Eduardo Malta executado vários retratos de individualidades marcantes em todos os meios espanhóis para um número especial de homenagem à grande nação vizinha, que vamos executar com todos os primores gráficos, recebeu da parte dessas mesmas individualidades as maiores provas de apreço pelo nosso modesto esforço. Ao Ex.<sup>mo</sup> Embaixador de Portugal, ao ilustre Consul geral, dr. Feliz de Carvalho, marcante figura intellectual e diplomática, e a todos, enfim, que acolheram Eduardo Malta com tamanhas gentilezas, agradece a *Ilustração* reconhecidamente.

# CINEMATOGRAFIA

A personalidade de Cecil B. de Mille está em foco, neste momento, no mundo cinematográfico. Cecil B. de Mille, ao contrário do seu mais próximo rival, D. W. Griffith, dá sempre muito que falar com as suas atitudes, as suas fugas duma casa para outra, os seus negócios, as suas «estrelas» e sobretudo, os seus filmes maravilhosos. Enquanto a vida cinegráfica de Griffith é sempre um mistério, nunca se sabendo ao certo onde pára, para que empresa trabalha ou que filme vai realizar o génio criador de «Intolerância», os projectos do realizador de «Rei dos Reis» são sempre objecto de larga discussão, de grande publicidade, ruído de acéssas polémicas que se levantam sempre sobre a curiosa personalidade do ilustre director americano.

Cecil B. de Mille é, sem dúvida, dada a pouca actividade de Griffith e o feitiço nebuloso e raro daquella a quem, com propriedade, se chama «o génio da cinematografia», o mais alto valor na cinegrafia mundial, no que respeita, é claro, a realizadores. Bastava, para consolidar a sua fama, a realização verdadeira-



NO OVAL: Um retrato inédito da célebre Leatrice Joy

que Cecil B. de Mille deu ao mundo as suas mais belas realizações do primeiro período da sua evolução artística. Mas o seu irrequietismo fê-lo abandonar aquella grande casa e, tempos depois, fundou elle próprio, uma nova firma produtora, a P. D. C., que, em qualidade senão em quantidade, dominou a breve trecho o mercado do filme. A esta firma se deve «O Rei dos Reis» e alguns centos de excelentes películas, dirigidas pelo próprio De Mille. Tam-



Jacqueline Logan, numa arrojada scena de «The Leopard Lady»



A nova «beautie» dos estúdios de Cecil B. Mille, Sue Carol, no filme «Walking Back», sob a direcção de Rupert Julian

mente genial do «Rei dos Reis» que, diga-se de passagem, tão mal compreendida foi em Lisboa, para vergonha nossa. Mas Cecil B. Mille já trazia na bagagem obras de mais alta envergadura artística e bastará, entre tantas, recordar «Os dez mandamentos» que a nós chegou velha de muitos anos, mas que é, sem dúvida alguma, uma das obras culminantes da cinegrafia. Durante muitos anos Cecil B. de Mille produziu, alternadamente, para várias companhias, mal gastando a sua pericia e o seu arrôjo criador em realizações de assuntos que raramente valiam o seu esforço. Foi como chefe da produção «Paramount»

Curioso aspecto da realização duma scena de exterior para um filme de Cecil B. de Mille



# A ARTE MUSICAL

## PORTUGUESA

Têm-se realizado ultimamente espectáculos de ópera ao ar livre, no Jardim da Estrêla; e esse facto sugere-nos alguns reparos sobre o lirismo português, conseqüentemente ligado, por sua vez, à arte musical portuguesa.

Não tenho fugido a abordar este último assunto, e não mudei, todavia, de opinião: arte musical portuguesa não existe ainda de forma a afirmar-se e firmar-se em *escola*,—isto é, não temos ainda um feixe de obras musicais com caracteres e estilo vincadamente portugueses e, ao mesmo tempo, com forte base construtiva e factura cuidada. Se realmente o grande período de arte musical polifónica que precedeu os períodos clássico e em seguida moderno, arte polifónica deslumbrantemente coroada por Palestrina na Itália, Vitória em Espanha, Lassus nos Países-Baixos, teve a sua repercussão em Portugal onde brilhou então o nome de Duarte Lobo no meio duma pleiade de valor, justificasse que o orgulho nacional sorria de satisfeito e consolado. Mas esse período já vai tão longe! E nem por sombras se pode pensar em reatar com tão remotas tradições, pois mesmo que fosse possível, não haveria vantagem. Para se ir a um moteto, ou aos trechos duma missa de tipo palestriniano (isto é, a formas de arte que deram lá muito o que tinham a dar ou cumpriram uma evolução radical), buscar traços e raízes nacionais, seria necessário ser-se um erudito, ou que as execuções das ditas obras passassem duma amostra curiosa pela raridade; e mesmo assim, um espírito criador mais depressa tirará elementos nacionais do próprio ambiente,—mesmo pobre, mesmo tóscio, musicalmente,—havendo, talvez, interesse para os dissecadores e teóricos da música, então, constatarem a analogia sintética entre raízes e traços presentes e remotos.

É que, na comprida ponte que liga os tempos de Duarte Lobo aos nossos tempos, os autores que encontramos e que são os nomes mais representativos de épocas diferentes e géneros diversos, José Carlos de Seixas, Marcos Portugal, Domingos Bomtempo, Ciríaco de Cardoso, Alfredo Keil, não foram bastante numerosos, e sobretudo bastante fortes para reagir contra as in-

fluências estrangeiras, ficando a arte nacional quasi absorvida em vez de enriquecida. E do que fica exposto deprende-se que havendo uma história musical portuguesa que não convém desprezar, não chegamos, porém, a entrar no século actual com *escola* musical portuguesa.

O que há, presentemente, à falta de *escola*, é—quere-nos e quere-me parecer—o insofrível desejo de a criar, isto é, de criar arte musical portuguesa autónoma, e isto sem que seja necessária a preocupação nacionalista: desde que haja a ânsia de produzir sem copiar, é natural que cada região e cada raça manifestem as suas feições e as suas particularidades. Mas esse desejo, essa ânsia, esse frémido têm de ser como epidémicos; os «analistas» musicais que digam a pequeníssima parte de invenção que cabe a cada criador, e a parte vastíssima de aproveitadamente feliz do que já existe!

Ora, tem-se dito e repetido,—felizmente diz-se menos ultimamente,—que a língua portuguesa não se presta a ser cantada; e observa-se, no entanto, que quasi todos os compositores portugueses da actual geração são atraídos pelo canto lírico, ou seja o canto com palavras... É o artista que, inconscientemente porventura, escuda a sua procura dum estilo nacional no nacionalismo da palavra portuguesa, já fortalecida por uma tradição ininterrupta de séculos e séculos. E compreende-se claramente que a índole duma raça, dum povo, se reflita fielmente na sua linguagem.

A música e a palavra não estão, contudo, forçosamente unidas como irmãs siamesas; no género de ópera dita italiana, que ramificou em França e na Alemanha, a palavra existe principalmente para indicar a marcha do drama, e para dar apoio aos cantores, muito embora seja vulgar não se perceber o que eles dizem, porque pronunciam mal ou porque cantam em língua estrangeira, justificando-se neste caso uma tradução, quando

possa ser. Mas o ponto de partida da arte musical de qualquer civilização e de qualquer país ou região, é sem dúvida a canção singela, sobre versos,—palavras—hino de fé ou trova de amor, ao mesmo tempo ou pouco depois de se ter reconhecido a maviosidade de certos sons em relação uns com os outros pelas elementares caninhas de tamanho diferente. Em formas de arte mais desenvolvidas ou aperfeiçoadas a adaptação do ritmo musical ao ritmo verbal é tão estreita que a tradução representa um erro, quando não um crime, e no mais requintado drama musical moderno une-se a perfeita caracterização do texto considerado dramaticamente, poeticamente e métricamente, à beleza da parte orquestral, cujos elementos, a-pesar de inteiramente independentes da parte vocal, vêm reforçar até ao máximo a expressão do conjunto...

Têmo-la por intuição valiosa, essa tendência dos nossos,—dos de cá, para melhor dizer,—em encostarem a sua expansão musical à linguagem. A arte lírica,—desde a canção popular até à ópera,—muito explorada cá em relação às outras manifestações de arte musical, tem-no sido pouco ainda para a riqueza de caracterização que pode trazer dum modo natural e ameno. Quando os países de *escola* musical brilhante se acham um tanto estufados, a olharem qual o lado para onde lhes há de aparecer um pouco de novidade moça e louçã, há aqui a riqueza dum terreno quasi inexplorado...

.....  
...Enfim, não quero dizer que não há de vir tempo, no qual, pouquíssimas linguagens,—quicá uma apenas,—serão,—ou será,—entendida pelo globo inteiro, desde as expressões triviais até às recônditas subtilidades. Nessa culminância apetejada, as fronteiras dos países e dos corações terão desabado, e com elas, sem dúvida, as fronteiras artísticas. Os resultados traduzir-se-hão por Riqueza? Ou Pobreza?...

Tanto faz. O destino para todo o verdadeiro artista é um único, e idêntico na essência: exprimir-se, buscando por qualquer meio a exactidão do sentido, a dentro da inseparável harmonia dos elementos e da forma.

FRANCINE BENOIT.

# O TRÁGICO FADARIO DE PIRANDELLO

Pirandello teve de sustentar uma luta enorme primeiro que atingisse o êxito actual. Durante mais de sessenta anos foi pobre, ignorado, sequioso de fama. Ninguém dava por êle, quer na Itália quer no resto da Europa. Os seus dramas não tinham êxito, os seus livros não se vendiam e, o autor, se queria viver tinha de dar lições.

Mas, no meio da sua desconsoladora obscuridade, a contos com uma vida penosa, nem por isso Pirandello deixava de trabalhar. Mal se pode conceber quantos sacrificios lhe não exigiria o escrever, sem o encorajamento de ninguém, sem o aplauso do público, nem tam pouco um único êxito a enfunar as velas do seu empreendimento, sózinho na sua casa de Turin, entre os poucos livros que utilizava no seu mister de professor. E a sua obra consistia já nos últimos anos em uns quarenta volumes de dramas, contos e novelas.

Conheci-o há pouco tempo quando Pirandello já começava a chamar sobre si a atracção do público. Lembro-me de que o encontrei febril, com o cérebro em perfeito tumulto, preocupado com os seus problemas, continuamente inquirindo a solução desejada, trabalhando no silêncio da Itália como numa oficina baralhenta, desesperada e... feliz.

Passou toda a vida sem dar por ela, — pela vida — com os olhos fixos num horizonte que não esperava atingir. Nunca se preocupou com amar, gosar, ou enriquecer, sempre no intuito de conseguir trabalhar com uma fúria selvagem, com a mesma obstinada vontade do aldeão que só tem em mira alargar a sua quinta. Fez-me lembrar os homens que no intuito de achar a pedra filosofal, se puzeram a correr mundo, abjectamente pobres mas zelosos possuidores duma corrente de ferro que, se um dia lograsse ser tocada pela famosa pedra, se

volveria logo em ouro, exactamente quando a vida do possuidor tocava o seu termo e a austeridade já visinhava paredes meias com a indiferença...

Pirandello encontrou a sua pedra filosofal: a cadeia de ferro tornou-se em ouro. No espaço de poucos meses deparou com a glória, a riqueza, o amor. O mundo foi atingido pelas suas palavras, hoje repetidas em todas as línguas. Pirandello tem o seu teatro e passa dum continente para o outro, no meio duma tempestade de aplausos. É popular, é recebido com entusiasmo. Fala uma linguagem absolutamente sua e é escutado com reverência, com prazer. Está nisso o mais tangível sinal do seu êxito. Mas, encontrou êle, por ventura, — com o amor, a fama e as riquezas — a paz que desejava?

Encontrei-me recentemente com o célebre escritor italiano. Está velho, gasto, descontente: continua sendo, como sempre, infeliz.

O que lhe aconteceu?

Só um escritor que houvesse renunciado a viver para se dedicar à sua obra se poderia acostumar ao ninho de besoiros em que se encerrou Pirandello. E sómente imprevistas circunstâncias poderiam produzir uma tragédia como a que o rodeia.

Pirandello achou a pedra filosofal. Mas, depois de ter passado a vida inteira a procurá-la, encontra-se agora inteiramente desgarrado, com uma cadeia de ouro nas mãos.

O que poderá fazer com outro um homem cuja felicidade consistia em procurá-lo? Como poderá gosar agora o êxito, a glória, o amor, um homem que dispendeu toda a sua vida a procurá-los? Só no desejo êle poderia encontrar mais amarga felicidade!...

Como Ulisses que chegou à sua Ithaca após vinte anos de luta, Pirandello não calcula por

fôrma alguma o que lhe resta para viver... Descobriu que o mundo da realidade é tão verdadeiro como o seu mundo imaginário... E, agora que possui os meios para o gosar, já o não pode fazer.

A sua última peça, *Diana e Tuda*, expressa dum modo curioso os seus mais íntimos sentimentos. É a história de um escultor que por qualquer misterioso poder, se vê alvo de castigo por ter desprezado a vida. E, como se vê, a idéa conductora do *Quando nós despertarmos de entre os mortos*, do Ibsen. Sirio tem um modelo, Tuda, que pouca para uma sua obra prima, a estátua de Diana. Nela o escultor nada mais vê senão o modelo. E é para a conservar como modelo que se resolveu a casar com ela. Não a ama: só deseja copiá-la. E para isso obriga-a a prometer uma nova fôrma de fidelidade que substituirá a conjugal: Tuda não será jámais modelo de nenhum outro homem. Tuda, porém, ofendida pelos propósitos do artista, e melindrada pela sua deshumana indiferença, trai-o da única maneira que lhe era possível; poisando como modelo de Diana para um rival de Sirio que está pintando a figura da deusa antiga.

Pirandello procura mostrar com o seu drama que, Diana, a estátua, não é mais do que estátua; mas que Tuda, o modelo, é uma mulher, um ser vivente, de mais valor do que uma simples estátua. A concepção fundamental que anima todas as obras anteriores de Pirandello é a de que a realidade é menos verdadeira do que tudo quanto cria o artista; de que a obra de arte é muito mais real do que o homem. Semelhante conceito era paradoxal por estar em contradicção com a noção usualmente aceite. E o mais estranho é que, Pirandello, procura agora provar aquilo que todos nós sabemos: que uma estátua é menos real que um modelo... Tão preocupado andou com as suas idéas que um retorno à realidade da vida dos outros lhe parece agora um paradoxo. Não é estranho mas é trágico.

Demonstra que, exactamente quando a vida lhe deu tudo quanto podia dar, Pirandello se sente devorado pelo desejo de começar tudo de novo.

(Exclusivo da Anglo-American N. S. para Illustração).



# O tíção do inferno

prosa de  
Emília de Sousa Costa



ilust. de  
Roberto Nobre

(A CONCHA ESPINA)

Um véu de luar veste de claridades ténues os tellhados acobreados dos pobres cardenhos térreos, adoga o negrume do velho casario chistoso, a enovelar-se, a amontour-se em massa tão compacta, que mal deixa entrever a mancha alvinitente de algum prédio caído.

Fumo denso, acre, enche de lés a lés as estreitas ruelas, do perfume rústico das estevas e rosmarinhos, a arderem no forno da Albergaria, preparando-o para coser nova fornada.

Taroucam na calçada as chinelas da Maria Forneira e a sua voz fininha perfura o silêncio da noite, ao acompanhar o *trac-trac* apressado dos nós dos dedos na porta da Teresa Moleira:

— Tenda, senhora Teresa!  
— Mal pecados da minha vida, Maria! A massa ainda não está leveda! — lamuria, assomando à moldura da janela desvidrada, a velha Moleira.

— Carregue-lhe na roupa, bote-lhe em riba as calças do seu Manuel e reze a S. Vicente p'ra que lho leve!... — aconselhou, entre irónica e displicente a forneira, afastando-se lépida. E logo, atando os anéis do seu trabalho sem tréguas, nessa época, clamou mais ao longe, em frente a outra habitação:

— Amassa, Carlota. É aviar!  
Fornada dentro, fornada fóra — que os galegos das plantações de vinhas comem como frieiras e os proprietários querem traze-los contentes e fartos. Valados fundos exigem rijeza dos braços que descem de Pontevedra e Orense, a secundarem a tarefa hercúlea dos indígenas, para arrancar aos mistérios do ventre daquela terra, hostil a galanteios de enxada e só dominável pela dinamite e pelo ferro, o nectar precioso, o vinho do Pôrto. É preciso que o pão de centeio substancial e negro, seja bem cosido fresco, saboroso e levesinho, para não descontentar o senhor capataz, exigente de bens para os seus homens, desde que tais bens não saíam da sua algebeira...

De novo o silêncio cai no burgo quieto. O céu lavado e puro, sem a mancha duma névem, vai peneirando subtilmente uma imperceptível poeira de geada. A frialdade do seu bafo, as energias criadoras, as seivas renovadoras latejantes nas raízes, encolhem-se confragidas de terror e escondem-se mais no seio das suas mães.

De repente, um frémito de vida percorre a povoação, quebra a paz da natureza adormecida. Baillam no ar, doidejantes, os sons agudos do *zig-zaguerrear* duma guitarra, engrinaldados pelas notas gordas dum violão, a acompanharem os garganteios de mestre Bumba.

É logo o ranger de portas, janelas e postigos, acusa a curiosidade das mulheres, a impaciência dos moços que apressadamente se vestem, aquelas para escutarem de seus balcões, éstes para acompanharem a *rusga*. Fervilham os comentários:

— Anda na costa outro berbicacho de paixão do mestre rapa-queixos...

— Quem é?

— A Angélica do José Maria.

— Mas ela *apregoa-se* no domingo com um rapaz do Pôrto, onde esteve a servir...

— Schein! bico calado! oiçum!

É não que mestre Bumba — casado à face de Deus e da lei, no uso dos bons costumes, com a senhora Luisa *barbeira*, alta como a torre do Relógio, enxuta de carnes que nem a sardinha de barrica — seja capaz de faltar às práticas da fidelidade, impostas pela Santa Madre Igreja... (o demónio o jure!). Mas a verdade é que o seu coração frágil, pulsa delirante, apenas seus olhos escuros, um poncoquinho piscos, avistam o vulto grácil de qualquer moçoila donairosa, que um vento feliz tragu à vila.

Assim, mal os feitiços das moças fazem rugir em seu peito ardente o vulcão inextinguível de seus desejos amorosos, sempre álferta, da cratera poética de sua boca, impetuosamente irrompe a lava coruscante do estro lírico, numa erupção abrazadora de versos, ora doces e melancólicos, cortados de ais dolentes, ora vibrantes e cálfidos, realçados por maganos e significativos repiques de guitarra. Nas noites luarentas como esta, a sua inspiração recolhe as bênçãos da protectora dos namorados, expandindo-se em serenatas, acompanhada por *sinfonistas* da sua afeição:

*«Ai! Estes primeiros amores  
que no mundo...  
que no mundo toma a gente,  
ai! não sei que doçura têm,  
ai! que duram...  
ai! que duram eternamente!»*

Enquanto o violão marca sonoramente as passagens mais tocantes, já mestre Bumba acende novo facho, na luz inextinta do primeiro, mas éste com maior potência incendiária:

*«Se eu pudesse, sorte louca!  
entrar em tua algebeira...  
trepava logo a ladeira...  
p'ra chegar à tua boca!»*

Em frente a uma varanda, de balanrestes encarnados, que sôbre a rua fórma seu relêvo má-

ximo, o entusiasmo do troveiro ascende às culminâncias do delírio. Ciúmes e penas, desejos e desvaíros de amor, ânsias de beijos, fluem como fonte rica de sensualidades, da boca desdentada de mestre Bumba, polvilhando de fantasias sugestivas, a divindade pagã, personificada na Angélica do José Maria. As pedras sujas da tortuosa calçada, são para a inspiração voluptuosa do cantor, roseirais sem fim, donde se evolvam os aromas sedutores de edênicos paraísos.

Torna-se de minuto a minuto mais numeroso o semi-círculo dos admiradores. Moços galhardos, de ombros largos e rijos músculos, em cujos corações começa a lavrar o fogo da primavera, embugados em seus capotes uns, outros nas mantas de burel tiradas aos leitos, na pressa da saída. Insensíveis ao frio e ao cansaço do seu trabalho rude, escutam embasbacados, num mixto de inveja e de extase.

Há-os mesmo que zombeteiam em surdina, para os mais visinhos:

— O rapa-queixos *finla-se* p'rá Angélica.  
— Perde o seu tempo e os feitos o barbas de chibo.

— Ella está para casar...  
— E que não estivesse!

— Canta que logo bebes, velho tonto!  
Mas no íntimo, bem no íntimo daquelas almas, certo bichinho roedor vai triturando partículas de sonhos, amarfanhados pelo reconhecimento da incompetência em plasticisar, como o mestre Bumba, emoções e sensações, anelos e cobiças amorosas. Quem soubera formular assim, em requebros capitosos, as sédes e as fomes de amor que queimam seus peitos fortes!

— A senhora Luisa, coitada, a dormir regaladinha na paz de Deus, e éste velho gaiteiro aqui na esturdia! — comenta, alto e bom som, sacudida de risos, a Preciosa Donata, os braços em anôra, equilibrando com notável destreza seu taboleiro de brôas enormes, sôbre a cabeça graciosa.

— É Preciosa! deixa cantar o mestre... Não sejas desmancha-prazeres! — gracejou um dos do auditório em solapado escárnio.

O pão quentinho, saído há instantes do forno de S. Pedro, rescende um aroma apetitoso, que



faz dilatar de gula as narinas e distrair as atenções dos presentes. Mestre Bumba volta, à Preciosa galhofera, sua face amarellecida. Passam sobre a sua barbicha rala tremeliques indignados que morrem num sorriso melífluo. Realgado pelos ais da praxe, lança-lhe o repto:

«Não há mal como o da inveja  
no pelo das raparigas;  
quanto mais se monda e ceifa  
mais fartas são as espigas.»

— Cruzes, canhoto! Sangra-te, velho! — retruca a Preciosa de rompante, em visível desconcerto, batendo a chinela no lagado.

Como fechado o incidente, a serenata continua floreteando louvores às prendas do ente adorado e esquivo, ninguém dá conta que da esquina próxima um vulto esguio, envolvido em capucha negra, se vai desdobrando e avançando cauto — nos passos medidos e lentos de tirano melodramático — para o grupo artístico-musical-cantante.

Só quando corre a capucha negra — o pato de boca — e deixa a descoberto a cara meio dolorida, meio irada da senhora Luísa e a sua voz estridente zune os primeiros impropérios — que devem avergoar, como rijas chicotadas morais, a sensibilidade do seu Francisco — um espanto geral se traduz em ohs! de emparvecido asombro.

Ela tão complacente, pacífica e resignada, sempre voluntariamente cega aos aditérios, mais ou menos platónicos do mestre, resolve naquela hora, acabar com os desfalques em seus legítimos afectos, pela primeira vez corajosa ante o escândalo, desprezando as conseqüências da falta de respeito pelo seu homem.

«Má raios te partam a viola, velho dos quintos, que nunca hás de ter emenda. Tu não tens espelho p'ra te ver, baboso dos infernos? Já não posso mais, Virgem Maria! Um pequenitantes, um reles, um dez-reis de gente, casado com uma mulher como eu, que ao longe se avista e faz figura, a rentar a todo o bicho-carelo que veste uma sã! Contas e borraça, velho! Deixa-te de viola e anda para casa! A Angélica apregoa-se amanhã com um rapaz do Pôrto, que me disse a criada do nosso abade, há mignhinhã.»

Mestre Bumba que recebera fleugmático a ducha dos insultos, sente-se desfalecer ao ouvir a revelação última. Titubia monossilabos ininteligíveis. Alça à varanda de balaustrés vermelhos seus olhos elegíacos e encosta-se com mais força à porta que lhe serve de amparo. Convulsões de riso agitam os assistentes do inesperado espectáculo. Mestre Bumba sente que vai perder o seu prestígio.

Apruma-se. Com a mão direita livre de embaraços, porque a esquerda segura a guitarra, aconchega do pescoço o cache-nez de merino, acerta nos ombros a capa espanhola e fazendo vênua em roda, abre passagem, afirmando sereno e superior, frizando as palavras, separando as sílabas, para assertoar a expressão:

«O inferno dos zelos! Estas mulheres! Não há pior... não há pior. Ande Lu...sa!»

Abate'vdo a cólera da senhora Luísa, ao defrontar a elegante correção do seu Francisco. Curva-se humilhada a sua estatura audaciosa, ante o másculo desempenho do seu homem, que faz vibrar em caprichosos ritmos as cordas da guitarra, ao modular os suspiros, os gementes acordes da sua voz:

«Todos dormem nesta rua  
at!  
todas dormem, só eu não!  
por causa duma ingrata  
at!  
que me sangra...  
que me sangra o coração!»

Quando a porta do lar conjugal surge enfim, com a sua bacia de lata suspensa da padieira, refrangendo a claridade suavíssima do luar, e os acompanhantes se despedem do mestre, com sanhas nolles! hesitante, atormentada de receios, a senhora Luísa atina a custo com o buraco da fechadura, para nêle enfiar a chave.

Mestre Bumba entra solene em seus paços, tomando a dianteira à mulher. É apenas o estalido da lingueta assinala a porta fechada, a guitarra, instrumento de delito, cúmplice gentil das paixões senis do velho barbeiro, transfor-



mada pelas rajadas da ira e do ciúme em válvula de desafogo, toca as suas últimas e inglórias notas, em sons cavos, soturnos nas costas ossudas da senhora Luísa e morre estilhaçada. Só o braço resiste, protegido pelas cordas que pendem exangues, em farrapos, como nervos e músculos partidos dum corpo esfacelado, por singular martírio. Esse braço, que a mão fina do mestre tantas vezes percorrerá, em delícias e afaços de volúpia, é brandido em desastinada fúria, como bárbara clava, contra a cara amargurada da senhora Luísa, abrindo nela sulcos violáceos e traços rubros.

Espumando-ráivas, convulsionado de rancores, o romântico trovador de há pouco, ronqueja frenético e alucinado:

«Quem é pequeno? Quem é baboso? Pega lá! Quem é velho? Quem é tonto? Ora toma! Ela casa-se? Apanha galsthalho! Ela não me quere? É tu que queres comida de urso? Quem é nesta casa o homem, seu traste?»

Numa epilepsia insubjugável, cobre de pontapés as pernas escanzeladas da consorte, cospe-lhe, morde-a, arranha, invectiva, ridiculariza e insulta.

É a mulher que num pequeno esforço de qualquer dos seus braços, ainda ágeis, reduziria à imobilidade o enfezado homúnculo, coacta pela força dimanada do hábito que em terras da Beira faz lei veneranda e inviolável — não esboçar resistência contra as sovas maritais — deixa-se bater, ferir e insultar, como faquir indiano privado de sensibilidade, suplicando debilmente:

— Não me mates, Francisco, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Exausto, mestre Bumba cai na cadeira destinada aos padecentes da sua navalha romba e revel. Solícita lhe acode a senhora Luísa com seu copito do velho, guardado no lonceiro para as horas solenes e, após o conforto, respeitosa-

mente maternal, o toma ao colo e o conduz ao merecido repouso do leito comum...

Domingo. Embiocadas em seus lenços garfidos, seus chales negros cobrindo os ombros sádios e rangendo o sapatinho de ver a Deus, saem da igreja as moças casadoiras, comentando alegres os proclamas do dia.

«Lá vai a Angélica!»  
«Menos ficam solteiras, para chegar a nossa vez...»

É como mestre Bumba atarefado cruze por elas na faina dominical de atender os frégueses lords, barbeados em suas próprias casas, logo tilinta uma gargalhada fresca e vozes joviais chasqueiam:

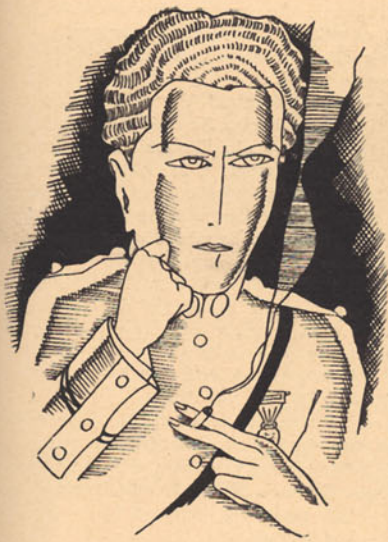
— Mestre Francisco — à Angélica foi um ar que lhe deu. Mais um desgano...

«Que a leve o cão tihoso, minhas pérolas! Deus me livre de afligir mais, à conta dela, a pobre Luísa que é uma santa, mas tem uns zelos doídos, coitadinha! Para lhe fazer a vontade já me desfiz da guitarra.»

«Que pena! — lamentam contristados as moças.»

«Não que isto de mulher alheia para um homem casado — conclui dogmático Mestre Bumba, fazendo recatado sinal da cruz — até lhe pode fazer perder a alma. É mesmo um lição do inferno!»

Nunca mais, em misteriosas e encantadoras noites de luar — tão favoráveis às revelações fascinantes de bardos e trovadores — as melodias arrebatadas, as líricas efusões do Mestre Bumba, em idílicas serenatas a lições do inferno, acordaram, jubilosas e alvorçadas, as almas juvenis do velho burgo.



# ATLANTIDA

## ROMANCE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de PIERRE BENOIT  
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

Com efeito, no horizonte em chamas, a odiosa imagem, para aumentar-lhe a febre, figurava uma cidade fantástica com edifícios prodigiosos em arco-iris.

— Gão! — gritei eu — Gão!

E quasi a seguir, soltei outro grito de dor, horrorizado. A mãozinha de Tanit-Zerga desfalecia na minha; mal tive tempo de apanhar a pobre criança nos braços e de a ouvir murmurar como um sôpro:

— E então será a hora da liberdade... da liberdade e de seres rainha...

Só algumas horas mais tarde, com a ajuda da faca com que esfolára a gazela, pude abrir, junto do rochedo onde ela havia expirado, Tanit-Zerga, a cova em que ela ia dormir.

Quando acabei, quiz ver primeiro a querida face pequenina. Desfaleci... e depois, rapidamente, tornei a tapá-la com o chaik branco, e coloquei na cova o corpo da criança.

Não tinha contado com Galé. A mangusta não havia tirado os olhos de mim, durante todo aquele triste trabalho. Quando me viu deitar as primeiras mãos de areia na cova, deu um grito estridente. Via-a com os olhos vermelhos, pronta a saltar-me em cima.

— Galé — supliquei.

E quiz fazer-lhe festas; mas ela mordeme depois saltou na cova e pôs-se a tirar a areia para fóra, com a maior fúria.

Três vezes tentei afastá-la: acabei por compreender que, mesmo que chegasse ao fim de tal tarefa, «Galé» ficaria ali e desenterraria o corpo.

A carabina estava à mão. Uma detonação ecoou pelo vazio do deserto imenso. E um instante depois, «Galé» dormia o último sono no pescoço da dona, onde tantas vezes eu a vira deitada.

Quando de tudo ficou apenas um alto de areia batida, levantei-me cambaleando, e puz-me a andar ao acaso, para o sul.

### CAPITULO XX

#### FECHOU-SE O CIRCULO

Ao fundo do vale do Ued-Mia, no mesmo sítio em que um chagal tinha nivado na noite em que Santo-Avito me disse que ti-

nha matado Morhange, outro chagal, talvez o mesmo, tornou a uivar.

Tive logo a sensação que naquela noite o destino irremediável, havia de cumprir-se.

Tal como na outra noite, estávamos sentados na varanda que se abria para o deserto. Santo-Avito ao acabar, levantou-se, encostou-se a ela, e mergulhou o olhar para além.

— E depois? — perguntei eu.

— Depois, o quê? Sabes, como toda a gente, que fui encontrado, quasi morto de fome e de sede, pelo capitão Aymara, que andava a dar uma volta pela terra dos anelmiden, e levado para Tombuctu. Estive delirante um mês; e durante o delírio disse coisas que não se deram ao trabalho de repetir-me. Quando, porém, fiz o relatório oficial, percebi que ninguém o acreditára. E havia nêl lacunas impossíveis de perceber.

Não teimaram. Adivinharam um drama cheio de mistérios, mas não havia provas e era melhor não levantar um escândalo inútil. Ficou assente que o capitão Morhange morrera vítima de uma insolação, e fóra por mim enterrado na margem do Ued-Tarhit, a três percursos de Timissao.

— E... ela? — perguntei timidamente.

Santo-Avito sorriu triunfantemente, por ter conseguido enlouquecer pela sua loucura, e levar-me a não pensar nem em Morhange, nem no seu crime.

— Ela... Há seis anos que não sei nada dela. Mas vejo-a, falo-lhe, e sonho com a hora em que hei de tornar à sua presença. Ajoelharei e dir-lhe-hei sómente: «Perdoame. Levantei-me contra a tua lei. Não ti-

nha compreendido. Agora sei, e vê: volto como o tenente Ghiberto.»

«Família, honra, pátria, esqueceréis tudo por ela», dizia o velho Le Mesgé. Bem sabia êle o que tinham pensado diante de Antinea as vontades dos cinquenta homens da sala de mármore vermelho.

Queres saber agora quem é essa mulher? Não sei, nem me importa. Tanto se me dá que seja a verdadeira neta do Deus dos Mares, como a bastarda de um alcoólico e duma mulher do bairro Marbeuf.

Isso podia importar-me quando tive a fraquesa de ter ciúmes de Morhange, e de ainda me prender com o ridículo amor-próprio que êstes civilizados nunca deixam de meter nas coisas que deviam ser apenas perença da paixão. Mas desde que tive nos braços o corpo de Antinea, não quero saber de mais nada, nem se há flores nos campos nem o que será o destino do homem. Não quero saber: ou melhor, talvez por ter uma visão perfeita de que seja o futuro do homem, é que eu quero aniquilar-me no único destino que merece a pena: uma natureza insondável e virgem, um amor misterioso.

*Uma natureza insondável e virgem.* — Deixa-me explicar-te. Uma vez, num dia de inverno em que tudo era cinzento e as paredes e as ruas escorriam fuligem das fábricas e dos quintos-andares, misturada com o nevoeiro, fui a um enterro.



**ALINE, perfumistas de Paris, apresentarão os seus produtos no Salão da "Voga"**





Chapinhava-se na lama e cada qual procurava um pretexto para se desculpar de não ir até ao fim. Excepto dois ou três amigos e algumas pessoas de família, insensíveis a tudo com o desgosto, só chegaram à igreja os que não encontraram êsse pretexto.

A igreja, construída pouco tempo antes, era pobre e escorria humidade. Estou-lhe ainda a ver as paredes cinzentas, e os teixos enfesados — os teixos, árvores do sol, dum verde tão lindo nas terras do meio-dia! Estou ainda a ver os «gatos-pingados» com as casacas russas, e as velas na mão! Estou a ver... nada! que feio era aquilo tudo! Ao pé do muro, lá para um canto, estava aberta uma cova na argila enterroada e amarela: foi ali que deixaram o morto de quem já não sei o nome.

Enquanto o deixavam escorregar lá para dentro, quedei-me a olhar para as minhas mãos, estas mãos que haviam apertado Antínea uma paisagem de luz sem igual! E invadiu-me uma piedade imensa pelo meu corpo, ao ver que destino lhe estava reservado numa caixa de lama. Era lá possível! Não, não! corpo mais precioso que todos os

tesouros, hei de poupar-te a tamanha ignomínia! Não hás de apodrecer, com um número de registo, entre o estrume dum cemitério dos subúrbios! Os teus irmãos de amor, os cinquenta cavaleiros de oricalco, esperam-te, mudos e graves, na sala de mármore vermelho. Hei de levar-te para êles.

*Um amor misterioso*—vergonha sobre aquele que exibiu o segredo dos seus amores!

Ainda me falta dizer-te uma coisa: Ao sul da antiga Cesarea, hoje Cherehell, a oeste do rio Mogofran, há uma pirâmide de pedra no alto de uma colina que o romper do dia envolve em nevoeiros cor de rosa: chamam-lhe o *Túmulo da Cristã*.

É aí que está o corpo de Cleópatra Selene, filha de Marco António e de Cleópatra, antepassada de Antínea. As invasões têm respeitado aquele tesouro: ninguém soube descobrir a câmara pintada em que repousa o corpo num caixão de cristal.

A neta há de ultrapassar a avó em sombria magnificência: No meio do mármore da sala vermelha, por cima da fonte murmurante, há uma plataforma, com uma cadeira de oricalco; e no dia em que os cento e vinte nichos tiverem todos recolhido a sua vítima, submissa e plenamente feliz, a mulher maravilhosa de que te falei irá sentar-se nela, vestida com o esplendor das antigas rainhas do Egito e com o tridente de Neptuno, e ali ficará para sempre, rodeada dos que a adoraram até morrer. Dela figura toda a beleza e religião da sua vida.

Lembras-te de que, quando deixei o Hoggar, a minha cadeira devia ser a 55. Tenho deitado contas e cálculo que devo ir descansar na 85. — Mas calculos baseados no capricho duma mulher, tanto podem safr errados, como certos. É por isso que dia a dia me vou tornando mais nervoso. É preciso ir depressa, digo-te eu, é preciso ir depressa.

— É preciso ir depressa! — repeti eu, como em sonhos.

Santo-Avito levantou a cabeça com indizível expressão de alegria; todo êle tremia de felicidade apertando-me as mãos.

— Hás de vê-la! dizia êle endoidecido, hás de vê-la!

Tomou-me nos braços e abraçou-me per-

didamente. Cobriu-nos ambos uma felicidade espantosa, e, qual mais embriagado, rindo e chorando como crianças, não deixávamos de repetir:

— Vamos depressa! Vamos depressa!

Uma brisa ligeira fez ondear os ramos de alfa no tecto. O céu lilás palidíssimo empalideceu ainda mais: e de repente cortou-o a êste um enorme rasgão amarelo. Assomara a aurora no deserto vasio. Ao fundo dos torresões, ouvia-se o barulho dos homens e dos animais que acordavam.

Ficámos algum tempo em silêncio a olhar para o sul, para o caminho do Hoggar. E nisto, uma pancada seca na porta, fez-nos estremecer. Era Châtelain.

— Que queres a esta hora? — perguntou Santo-Avito com voz dura.

— Desculpe-me, meu capitão. Esta noite foi surpreendido um indígena nos arredores do pôsto. Pedi logo para falar ao comandante. Era meia noite, não quiz incomodá-lo.

— Que espécie de indígena é?

— Um targui.

— Um targui?! Vai buscá-lo.

Chatelain afastou-se para deixar entrar o homem, que vinha guardado por um soldado argelino.

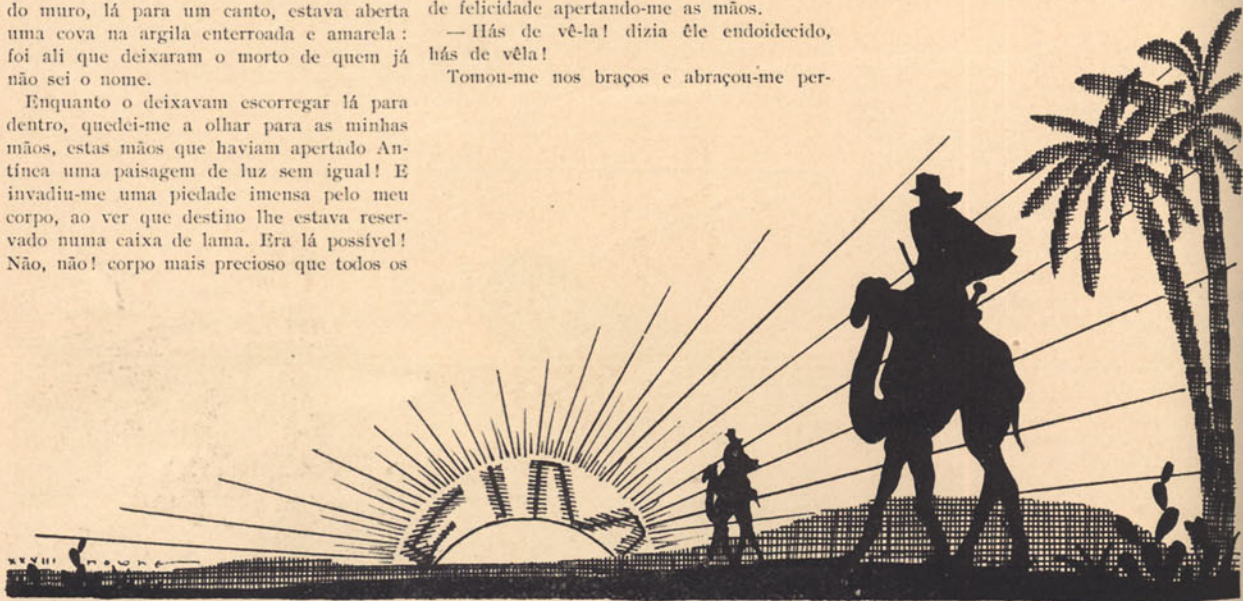
Era um colosso de seis pés de altura, cujos olhos luziam por baixo do traje de algodão azul escuro em que dava o sol nascente.

Logo que êste homem se defrontou com Santo-Avito ambos estremeceram. Olharam-se um instante em silêncio. Depois o targui inclinou-se e disse, com a maior serenidade:

— A paz seja contigo, tenente de Santo-Avito.

E André respondeu com a mesma serenidade:

— A paz seja contigo, Cegheir-ben-Cheikh!





# Pasatempro

## O PALHAÇO DESPEDAÇADO

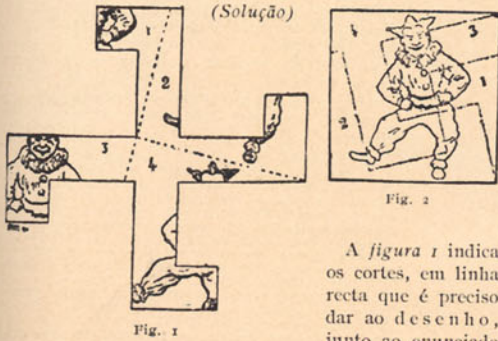


Fig. 1

Fig. 2

A figura 1 indica os cortes, em linha recta que é preciso dar ao desenho, junto ao enunciado do problema, para,

depois de reúnir os pedaços resultantes, se obter o verdadeiro e autêntico retrato, — de mais a mais metido num quadrado perfeito, — do palhaço primitivamente despedaçado. Aí o têm a dançar, satisfeito, na figura 2.

## A TESOURA ENLEADA

(Problema)

Pegue-se num cordão dobrado, e com as duas pontas ligadas, formando circuito contínuo. Passe-se assim, por um dos anéis de uma tesoura. Passe-se depois pelo extremo oposto pela azêlha assim formada, e em seguida pelo outro anel da tesoura; e finalmente enfile-se esse extremo numa bengala, ou punteiro, ou régua, da maneira que a figura está claramente representando.

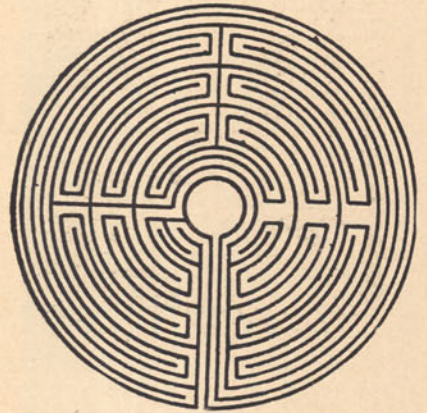
A paciência consiste em tirar a tesoura, sem desatar o cordão, nem o fazer sair da bengala ou régua, que o suspende.

Querendo, o extremo do cordão pode ser entregue a segunda pessoa, e nesse caso, a bengala ou régua é desnecessária.

Ofereceu-se a D. Fr. Bartolomeu dos Martires, quando o elegeram por arcebispo de Braga, certo homem de boa presença e bem trajado, para seu trinchante, dizendo-lhe que o fóra de seu antecessor, e como tal merecia ser preferido e aceito para o mesmo Ministério. Respondeu-lhe o arcebispo que trazia trinchantes: admirou-se o pretendente por saber a parcimonia com que se apresentára a casa do novo prelado; mas este acudindo à admiração e apontando para os próprios dentes, lhe disse: — Amigo, enquanto estes trinchantes me durarem, escuso outros; buscai vossa vida.

Quando el-rei D. Sebastião intentou a jornada da África, determinou avistar-se em N. Sr.<sup>a</sup> de Guadalupe com el-rei Filipe, seu tio, e para se ajustar este encontro veio de Castela o duque de Alva, cavalheiro mui soberbo e pouco afeiçoado aos portugueses, e de cá foi para o mesmo fim o Conde de Redondo. Na prática que tiveram perguntou-lhe o duque que fidalgos vinham com el-rei D. Sebastião, porque com o de Espanha vinha ele duque e outros como ele. Respondeu-lhe o conde: — Com el-rei meu amo vem o duque de Bragança, o de Aveiro e o Marquês de Vila Real; e fidalgos rasos como eu e vós veem muitos.

## LABIRINTO DE MONTEREY (CALIFÓRNIA)



É um labirinto, existente no Hotel do Monte, em Monterey. Destinado à exploração comercial, é o maior e o mais antigo que existe nos Estados Unidos.

— É pena!... O tenor tem uma voz linda... mas pequeníssima!

— Muito fraca?

— Imenso! Para traz da quinta fila, já não se ouve!...

A nova rica que ouvira o diálogo, para o marido.

— Ouve, meu amor, compra sexta fila, sim... que é para a gente dormir!



— Há momentos, Frederico, em que sinto que estás tendo muito menos interesse por mim.

(Do «Punch»).

**SASSETTI & C.**, apresentarão no Salão da "Voga" os seus pianos, auto-pianos e edições musicais artísticas

# BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM JULHO DE 1928

LITTERATURA

ALTAMIRA (JORGE DE) — *Mulata* (Scenas da vida de Benguela). 251 p. 8.º com capa illust.  
 BETTENCOURT (REBELO DE) — *O Mundo das Imagens*. 159 p. 8.º.  
 BRITO CAMACHO — *Contos Ligeiros*. 2.º milhar. 248 p. 8.º — 10\$00.  
 CÂMARA (ZARCO DA) — *Olga*. 155 p. 8.º — 10\$00.  
 CARNAXIDE (VISCONDE DE) — *Quarto livro de versos*. 202 p. 8.º — 8\$00.  
 COSTA (JOAQUIM) — *A expressão literária e a aprendizagem do estilo*. 422 p. 8.º — 12\$00.  
 CURWOOD (JAMES OLIVER) — *O Vale dos Homens Silenciosos*. 293 p. 8.º — 10\$00.  
 DÉKOBRA (MAURICE) — *Chamas de veludo*. Romance cosmopolita. Trad. de Alexandre do Amaral. 304 p. 8.º com capa illust. — 10\$00.  
 DIAS SANCHO (JOSÉ A.) — *Flores peregrinas*. 60 p. — 5\$00.  
 FERNANDES (JOSÉ A.) — *João Wesley...* Prefácio de Alfredo H. da Silva. 40 p. — 2\$00.  
 FERNANDES (JOSÉ A.) — *Poetas e poetisas inglesas em versos portugueses*. 94 p. — 5\$00.  
 FERNANDES (JOSÉ A.) — *Te-Deum pelas coisas simples*. 15 p. — 1\$50.  
 HORA (UMA) DE JORNALISMO. — Aspectos, anedotas e inconfidências da vida profissional. 221 p. 8.º com gravuras. — 25\$00.  
 IBAÑEZ (VICENTE BLASCO) — *A Adega*. 2.ª ed. Trad. de Emília de Sousa Costa. 341 p. 8.º com capa ilustrada. — 10\$00.  
 MACHADO (A. VITOR) — *Gato escondido...* Opeleta em 1 acto. 22 p. — 2\$00.  
 NETO (COELHO) — *Velhos e Novos*. 210 p. 8.º com o retrato do autor. — 7\$00.  
 OLIVEIRA CABRAL. — *Canções para as crianças*. (Teatro infantil e canções de gesto). Música de Bstefânia Cabreira. 112 p. 8.º com vinhetas e capa ilustrada. — 8\$00.  
 OSÓRIO (PLÁCIDO) — *A última lição*. Novela. 22 p. — 1\$50.  
 PASSOS (ANTÓNIO) — *A excelente aventura do cavaleiro Alaiz. O scepticismo do padre Casimiro. O Juízo de Deus*. 176 p. 8.º — 6\$00.  
 QUEIROZ (RÇA DE) — *O Primo Bazílio*. Episódio doméstico. Ilustrações de Alberto de Sousa. 462 p. 8.º com grav. e retrato do autor. — 20\$00.  
 RISONHO (JOÃO) — *Amor e Sorrisos*. Versos. 52 p. — 8\$00.  
 SHAKESPEARE. — *Hamlet*. Trad. do dr. Domingos Ramos. 306 p. 8.º — 7\$00.  
 SHAKESPEARE. — *Rei Lear*. Trad. do dr. Domingos Ramos. 245 p. 8.º — 7\$00.  
 SOUSA COSTA. — *Uma Divorciada*. Romance. 290 p. com capa illust. — 10\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CARDOSO (NUNO CATARINO) — *Gua ilustrado de Sintra e arredores*. 73 p. com grav. — 6\$50.  
 OLIVEIRA MARTINS (FRANCISCO DE ASSIS). — *Rectificando*. Considerações acerca da obra «D. Carlos e a sua época», do sr. Rocha Martins. 141 p. 8.º — 6\$00.  
 ROCHA MARTINS. — *O Drama de Vila Viçosa*. (Os Grandes Amores de Portugal — Coleção História). 64 p. com capa illust. por Alberto de Sousa. — 2\$50.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



Mário Verdaguere

(Auto-retrato)

Uma das mais interessantes figuras da litteratura espanhola contemporânea. Novelista de processos modernos e opulenta fantasia, entre outras tem já publicadas, no género, as seguintes obras: *Piedras y Viento*, *La Isla de Oro e El Marido*, *la mujer y la Sombra*. É director da magnífica revista quinzenal que se publica em Barcelona sob o título de *Mundo Ibérico*, e onde é bem frequente encontrarmos referências amáveis e inteligentes a factos e vultos das letras portuguesas.

ROCHA MARTINS. — *Relicário de Paixão*. (Os Grandes Amores de Portugal). 64 p. com grav. e capa il. por Raquel Gameiro Ottolini. — 2\$50.

SCIÊNCIAS E ARTES

MAIA (SAMUEL) — *O meu menino*. Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoeecer. 2.ª ed. 279 p. 8.º com grav. — 10\$00.  
 MONTEIRO CARDOSO (PEDRO) — *Algas e corais*. 100 pag.

SCIÊNCIAS CIVIS

CORRÊA DA SILVA (JOAQUIM), Paço d'Arcos. — *Patologia da dignidade*. Quatro cartas a propósito da questão do Pôrto da Beira. 45 p. — 3\$00.  
 MENDONÇA (CARLOS DE) — *O Nofuado do sepulcro no registo civil* (Boémia jurídica). 23 p. — 2\$50.  
 MORAIS E CASTRO (ARMANDO AUGUSTO GONÇALVES DE) — *O Problema económico e financeiro das Colónias* (Subsídios para a sua solução). 200 p. 8.º.  
 SOUSA DIAS (GASTÃO) — *Cartas de Angola*. 212 p. 8.º — 10\$00.

«PORTUCAL», «ANAI DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS» E OUTRAS PUBLICAÇÕES

O n.º 2 da revista *Portucal*, datado do 2.º trimestre do ano corrente, confirma por inteiro as boas impressões deixadas pela leitura do número inicial: temos nela uma publicação de cultura mental digna de ombrear com as melhores que tem saído á estampa entre nós. A sua colaboração é selecta, versando o texto uma grande variedade de assuntos. A transcrição do sumário do presente caderno valerá, porém, mais do que todas as palavras de comentário com que tentássemos fazer o seu elogio:

*A Morte das árvores* (versos), por Fausto Guedes Teixeira. *Adágios brasileiros*, por Afrânio Peixoto. *Planta das capelas abdiadas da Igreja de Castro de Acelãs*, desenho de Baltasar de Castro. *As Siglas do Monumento da Batalha* (com 21 gravuras), por Tito de Sousa Larcher. *A Fonte dos amores*, por Alberto de Oliveira. *Notação popular de medallas*, por Luis Chaves. *Pontes medievais nos Arcos-de-Maldevéz* (com 3 gravuras), por F. Alves Pereira. VÁRIA: *Folclore*, por M. Cardoso Martá; *Museu Minhoto*, por Cláudio Basto; *Congressos pedagógicos*, por Augusto Martins. *GENTE DE CASA* (com gravura): *Dr. J. Leite de Vasconcelos*, por João da Silva Correia. *IN MEMORIAM* (com duas gravuras): *Júlio Henriques*, por António Machado; *Assimulo de Andrade*, por A. M. BIBLIOGRAFIA (nacional e estrangeira), por C. B. e L. de Pignaredo Guerra. *Novidades* (em Portugal e fora de Portugal). *Res & Verba*.

Dirigem a *Portucal* os srs. Augusto Martins, Claudio Basto e Pedro Vitorino.

Os *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, que já contam alguns anos de vida e gozam de subido apreço quer no nosso meio intelectual quer no estrangeiro, pela valia dos seus estudos, e que diversos e lamentáveis motivos tinham feito cair em sensível atraso, acabam de dar um bom passo no sentido da sua actualização, publicando dois novos volumes, relativos, respectivamente, aos anos de 1926 e 1927. O primeiro, que é o VII da revista, abrange os n.ºs 25 a 26, congregando o segundo, VIII da série, a matéria dos n.ºs 29 a 32. Num e noutro a colaboração, especializada, é subscrita por nomes conhecidos, na sua maioria funcionários superiores dos nossos serviços bibliotecários e arquivísticos.

*O que é e o que deve ser a educação física*, pelo dr. Faria de Vasconcelos. É oportuníssima a divulgação desta conferência editada pelo Ginásio Club Português, tão sensata é a sua doutrina e tão mal orientada anda a prática dos desportos entre nós.

*Determinação da forma nas variedades de peras portuguesas*, pelo sr. J. Vieira Natividade, engenheiro agrónomo. Trata-se dum bom opúsculo illustrado que versa um interessante aspecto da nossa pomologia.

*Os transportes colectivos no Pôrto*. Páginas que historiam um pleito entre a Companhia Carris do Pôrto e a Câmara Municipal da mesma cidade, pleito decidido a favor daquela.

Revistas: *Broléria, Nação Portuguesa*, que acaba de entrar na sua 5.ª série; *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Boletim da Câmara Portuguesa de Comércio de S. Paulo (Brasil), etc.

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA...	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados...	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados...	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	Registados...	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

BASTOS SILVA, LTD.ª, e PARIS-CHIADO, reis das novidades, malas de senhora, etc., apresentam-se no Salão da «Voga»



**HISTORIA  
DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA  
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
PARIS — LISBOA

**BOLETIM DE ASSINATURA**

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....  
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192...

ASSINATURA .....

**PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS**

**CONTINENTE E ILHAS :**

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) ..... 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado)	3 meses 3\$50	6 meses 6\$50	1 ano 12\$50
----------------------------------	---------------	---------------	--------------

REGISTRADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA .....	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	39\$50	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO .....	37\$50	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
da Academia das Ciências de Lisboa

**ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES**

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE TORRES, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.  
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos orientais na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUE DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**

**A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIAIS DE 32 PAGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

**CONTERA**

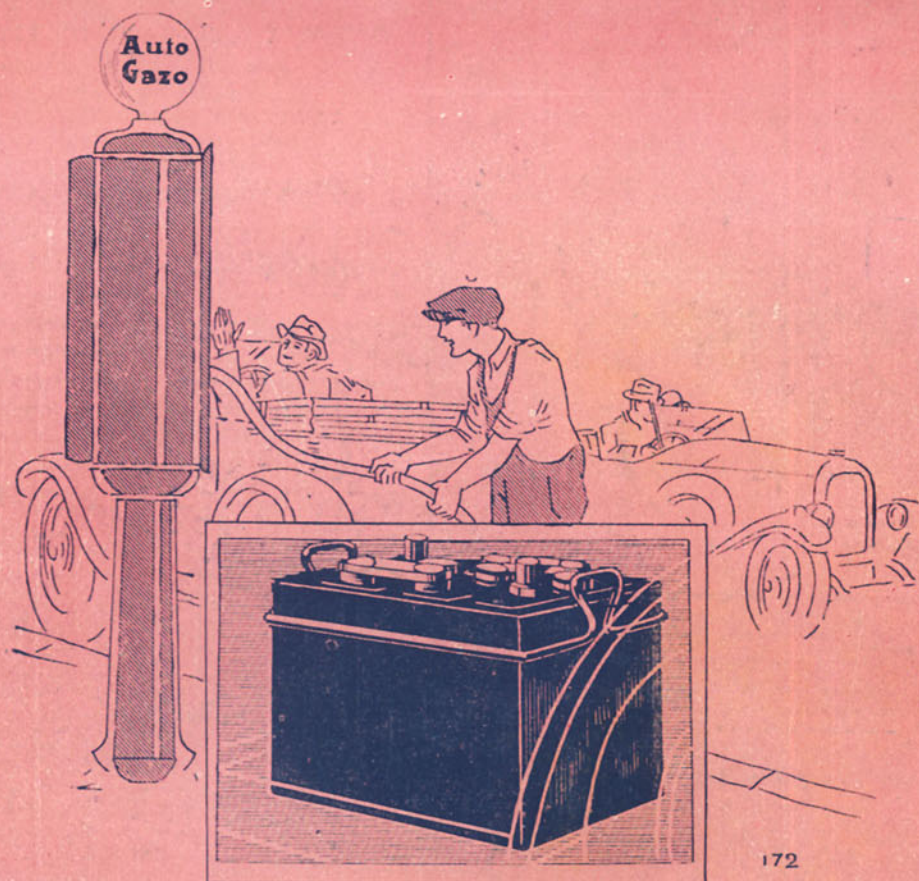
Biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... 10\$00



## **POUPE O ACUMULADOR DO SEU AUTOMOVEI**

Empregando uma gasolina  
que pela sua qualidade ga-  
ranta um arranque facil

# **Auto-Gazo**

**é essa gasolina**

## **VACUUM OIL COMPANY**